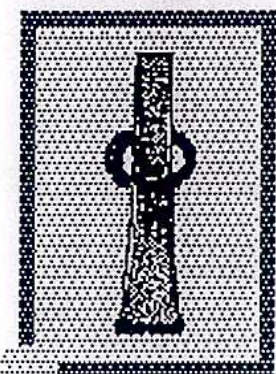
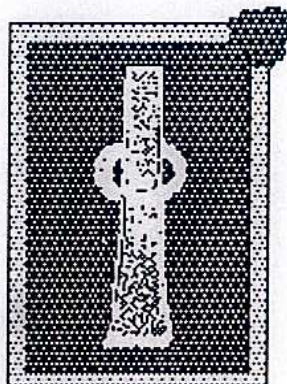
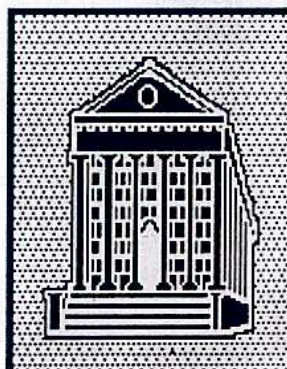


Cadernos de

ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO



2/3

CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES DE COURA
GABINETE DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO
1993 / 94

**CADERNOS DE ARQUEOLOGIA
E
PATRIMÓNIO**

2 / 3

CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES DE COURA
Gabinete de Arqueologia e Património
Paredes de Coura
1993/94

CADERNOS DE ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO

Nº 2/3

PAREDES DE COURA - 1993/94

ISSN: 0872-0983

Depósito Legal: 68217/93

Editor: CÂMARA MUNICIPAL DE PAREDES DE COURA

Direcção: Dra. Fátima Matos da Silva
Dr. Anibal de Almeida

Conselho Redactorial: Dr. Carlos A. Gouveia da Silva
Dr. José Daniel Ribeiro
Dr. Paulo Félix
Dr. Manuel Gonçalves
Dra. Assunção Pestana

Conselho Científico: Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno
Dr. Albérico Tavares
Dr. José Manuel Tedim

Impressão: HUMBERTIPO - Porto

Distribuição: E.C.L. - Empresa de Comércio Livreiro S.A. - Porto

Tiragem: 1000 exemplares

Capa: Fátima Matos da Silva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer forma ou meios, sem permissão por escrito dos autores.

*Solicita-se permuta. On prie l'change. Exchange wanted.
Tauschverkehr erwünscht. Sollecitiamo intercambio.*

Gabinete de Arqueologia e Património
Centro Cultural da Câmara Municipal de Paredes de Coura
Largo Visconde de Moselos
4940 PAREDES DE COURA

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO BRONZE FINAL NA BACIA SUPERIOR DO RIO COURA *

NEW DATA FOR THE STUDY OF LATE
BRONZE AGE IN THE UPPER COURA

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA**

RESUMO

Com este trabalho o autor apresenta um estudo sobre o Bronze Final Atlântico, na área da bacia superior do Rio Coura.

Tal estudo, tem por base a análise tipológica e estatística de três conjuntos de machados de talão, em bronze (encontrados em depósitos nos lugares de Castelo, Cabeludas e Cristelo), e a sua correlação com outros exemplares provenientes do Norte de Portugal.

Palavras-chave: Bronze Final Atlântico. Machados de talão. Estudo tipológico e estatístico.

ABSTRACT

This is a typological and statistical study of the Atlantic Late Bronze Age halstaves found on the sites of "Castelo", "Cabeludas" and "Cristelo".

A correlation was made with other samples from Northern Portugal.

* **Agradecimentos:** À Câmara Municipal de Paredes de Coura, por todos os apoios concedidos; ao Dr. Carlos Gouveia da Silva pela desinteressada ajuda; ao Museu Nacional de Arqueologia e ao Museu Pio XII (Braga) por todas as facilidades concedidas para o estudo dos materiais.

** Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense; Responsável pelo G. A. P. - Área de Arqueologia; Bolseira do Programa PRAXIS XXI.

Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
Av. Rodrigues de Freitas, 339 - 4000 PORTO

FICHA TÉCNICA:

Desenhos do espólio: Carlos Gouveia da Silva.
Fotografias e cartografia: Fátima Matos Silva.

Key words: Atlantic Late Bronze Age. Halstaves. Typological and statistical studies.

1. IDEIAS SOBRE A PROBLEMÁTICA E AS PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO BRONZE FINAL DO NOROESTE

Com o presente artigo pretendemos fazer uma abordagem genérica, procurando focar as teorias e os trabalhos mais recentes, de forma a fazer o ponto de situação possível sobre o Bronze Final no Noroeste, dado que a grande maioria dos estudos mais recentes, e sem dúvida os mais interessantes, permanecem inéditos.

A bibliografia existente ou é muito antiga e quase nula em referências concretas - geralmente descreve materiais descontextualizados - ou é monográfica, em que se particulariza, mas não se generaliza, e, muito menos se insere a estação no contexto envolvente da época, seja esse contexto local, regional ou extra-regional. Muitas não passam de relatórios de escavação.

Sínteses apenas duas: a tradicional, de H. Savory (1985), e a recente, de S. Oliveira Jorge (1990). Como tal, não temos contrapontos de análise, não podemos comparar vários tipos de pontos de vista, de modelos evolutivos, para sentirmos que estamos a fazer um trabalho útil, do qual saia alguma "luz".

As peças (encontradas no século passado ou no início deste) espalham-se por museus longínquos e estão, por vezes, mal catalogadas. As detectadas recentemente estão à guarda dos

arqueólogos. Como tal, não podem ser estudadas por outros.

Esta fase da Proto-História que emerge nos finais do II milénio e inícios do I a.C. (c. de 1250 e de 700 a.C.) é muito abundante em materiais arqueológicos. Apesar de estes ocorrerem geralmente descontextualizados, são indicadores dos intercâmbios entre a região atlântica, a bacia do Mediterrâneo e, numa fase terminal, a Europa Central.

Aparentemente, o desenvolvimento desta época e a sua generalização à escala europeia têm, como elementos geradores, as jazidas de cobre e estanho de que a Península Ibérica seria abundante, bem como a existência de uma sociedade muito hierarquizada, com "centros de poder pré-estatal, comandados por chefes cuja liderança, fortemente individualizada, teria assumido, em certas regiões, aspectos teocráticos" (JORGE 1990, 231).

Contudo, há uma grande necessidade de aprofundar os poucos estudos feitos à escala regional, no sentido de compreender a especificidade de cada região e então tentar compreender as possíveis unidades que permitam estabelecer o esboço cultural da Península e de Portugal nesta época.

Podemos, pois, dizer que o Bronze Final encontra-se, em Portugal, praticamente desconhecido, uma vez que os estudos elaborados até aqui se baseiam sobretudo na análise formática (só muito recentemente metalográfica) dos machados e outros materiais de bronze. Estudo esse, como referimos, descontextualizado e, por isso, pouco revelador dos habitats, necrópoles e, em suma, do povo que os fabricou e que persiste em continuar "silencioso".

Com base nestes achados, estabeleceram-se as mais variadas cronologias, desde P. Bosch Gimpera (1932) a M. Santa Ollala (1946), que dividem a Idade do Bronze Peninsular em duas grandes áreas culturais de desenvolvimento: o Bronze Atlântico e o Bronze Mediterrânico.

Ainda hoje esta terminologia é utilizada, nomeadamente para os achados detectados na zona litorânea da Península (KALB 1979; 1980; 1980a; RUÍZ-GALVEZ PRIEGO 1984; COFFYN 1985), além de ter marcado a investigação até aos anos setenta.

Os trabalhos de síntese são raros e centrados

sobretudo nas obras de J. V. Evans (1951), C. Hawkes (1952), E. Mac White (1951), A. Coffyn (1985), Ruíz-Galvez Priego (1980) e Susana Jorge (1986, 1990).

H. Savory (1949; 1951) e E. Mac White (1951), embora seguindo o esquema dicotómico de Santa-Ollala, precisam as cronologias, tendo o mérito de elaborar um estudo tipológico dos machados. Mac White apresenta um modelo explicativo baseado em correntes difusionistas, acerca da introdução deste tipo de achado na Península. Segundo ele, vieram por França, pela região cantábrica, passando posteriormente pela Catalunha e chegando, desta forma, à Península.

Mais recentemente, diversos autores, dada a importância do estudo do contexto em que estas peças estavam inseridas, tentaram articular o seu estudo com outros materiais, nomeadamente com a cerâmica de "tipo Penha", "tipo Baiões e Santa Luzia" e a "Cultura de Alpiarça", como é o caso de F. Kalb (1980a).

Esta orientação dos trabalhos é incentivada pela obra de L. Monteagudo (1977, 1981) e pelos trabalhos de A. Coffyn (1985) sobre o Bronze Final Atlântico. Este último estabelece para este período uma cronologia de 900-700 a.C., fase na qual se terá verificado um florescimento na metalurgia do bronze do NO e em que foram documentados os contactos atlânticos (ALMAGRO GORBEA 1986).

Este impulso no estudo da Idade do Bronze Final tem também base nos estudos metalográficos (SILVA 1986), que pretendem precisar não só o tipo de mineral e a sua percentagem na composição das peças, como também localizar os seus centros de produção.

As análises de machados de talão e alvado revelam a utilização de altas percentagens de chumbo (RUÍZ-GALVEZ PRIEGO 1980; 1984a), o que concede a estas peças uma grande fragilidade. Esta descoberta vem corroborar a ideia de vários autores, inclusivamente a nossa, segundo a qual estes machados teriam escassa aplicação prática em termos laborais, servindo antes como "moeda de troca" ou até como objectos de prestígio.

Particularizando um pouco, podemos referir alguns estudos que nos elucidam sobre as várias perspectivas de investigação actuais.

Philline Kalb (1980) subdivide a fachada

atlântica portuguesa em três sub-áreas artefactuais: o Alentejo e Algarve, área de produção de cobre; as Beiras e o Norte, zona de produção de estanho; e a Estremadura, área de "comércio", onde confluem e se difundem vários produtos elaborados nas áreas referidas anteriormente, mas também em outras regiões peninsulares e extra-peninsulares, como resultado da localização estratégica desta zona e do controlo que exercia na via fluvial do Baixo Tejo.

Ao que parece, conclui-se pela existência de uma preferência regional por certos objectos metálicos. Assim, nas Beiras e Norte predominam os machados de talão, enquanto na Estremadura predominam os de alvado.

Contudo, em todo o território português circulam objectos utilitários e de ourivesaria com afinidades formáticas.

Na Beira Baixa ocorrem, nesta fase, em algumas zonas, como em outras partes de Portugal, povoados de altura, uns com condições naturais de defesa, outros fortificados (SENNA-MARTINEZ 1983-84; KALB 1979). Pelo contrário, na Beira Alta nenhum foi detectado até ao momento.

O que assemelha entre si estes povoados são os materiais exumados, como os vasos e as cerâmicas brunidas e carenadas, típicos do Baixo Tejo, Alentejo e Norte, mas que aqui assumem formas decorativas autóctones, designadas de "tipo Baiões/Stª Luzia". Esta cerâmica aparece muitas vezes associada a artefactos metálicos, sendo o mais famoso o "depósito" do povoado de Nª Sª da Guia, em Viseu, que não apresenta sinais de utilização (SILVA *et alii* 1984; SILVA 1986).

A importância deste conjunto, achado no interior de um recinto habitado, é o de, além de provar a prática de uma importante metalurgia num povoado com cerâmica brunida do tipo referido, revelar, segundo Almagro-Gorbea (1986), a penetração de comportamentos simbólicos e rituais mediterrânicos no seio de comunidades situadas na fachada atlântica peninsular, cronologicamente ainda durante o Bronze Final III (900/700 a.C.).

Contudo, este povoado, como os seus semelhantes de todo o centro e norte, possui uma arquitectura muito incipiente que contrasta com a aparente complexidade social destas sociedades, que se integrariam em redes de "comércio" à escala europeia (JORGE 1990). De facto, o urbanismo ou proto-urbanismo, se exceptuarmos

raras zonas como o sudeste espanhol, só se imporá numa fase adiantada da Idade do Ferro e até, em algumas zonas, sob o domínio romano.

Para o Norte de Portugal foi recentemente estabelecida, por Susana O. Jorge (1988), uma cronologia, para esta fase, que a divide em duas etapas de desenvolvimento cultural: a primeira entre cerca de 1250 e 1100 a.C. e a segunda entre cerca de 1000/900 e 700 a.C..

Seguiremos esta cronologia (e, evidentemente, as opiniões desta autora) por ser a única específica e respeitante a esta zona.

Caracteriza a primeira etapa pela existência de uma crescente produção e circulação de objectos de bronze, em que se manifesta, em alguns artefactos, uma leve influência mediterrânica.

Paralelamente, existiria uma grande transformação dos sistemas de subsistência, em que se atinge uma inequívoca especialização agro-pastoril, através de uma tecnologia sofisticada, com uso de animais de tiro. Essa intensificação económica permitiria a auto-suficiência de toda a comunidade, condição indispensável para a consolidação do sistema social hierarquizado, tal como do sistema de organização habitacional.

Estes elementos são comprovados pela escavação do povoado da Bouça do Frade, em Baião, na bacia do rio Ovil, intervencionado por esta autora (JORGE 1988).

Situa-se no topo e em uma das vertentes de um monte, a 780 metros de altitude, na extremidade sudoeste da Serra da Aboboreira.

As estruturas detectadas referem-se a fossas, buracos de poste e lareiras.

Trata-se de uma estação onde pela primeira vez no norte de Portugal se fez um estudo exhaustivo de fossas abertas no saibro.

O povoado teria uma função habitacional, pelo que abundam os vasos de provisões, transporte e uso culinário, além de moinhos manuais, lareiras, buracos de poste de estruturas em madeira, com variada funcionalidade. Não possuía especiais condições naturais de defesa (1).

(1) As fossas são de vários tamanhos, que a autora divide em pequenas e grandes, podendo-se afirmar da sua inequívoca contemporaneidade global (JORGE 1988, 53), tendo apenas duas camadas estratigráficas.

Teriam funções de armazenamento, com sucessivas

Os buracos de poste não permitem definir claramente os perímetros das estruturas, nem unidades habitacionais, dada a sua disposição caótica, relacionada com as sucessivas reconstruções, e daí a precariedade das estruturas e a sua sazonalidade poder ser inferida.

Existiriam provavelmente áreas de habitação, outras com estruturas de armazenamento, redil de animais ou outras funções, ligadas a actividades domésticas (*idem*, 60).

Neste povoado - tal como é hábito nos trabalhos desta autora mas infelizmente muito pouco comum entre os arqueólogos em Portugal - foram feitas análises nos domínios da paleocarpologia, antracologia e palinologia, com resultados bastante interessantes.

As análises antracológicas e polínicas (através de um coprólito de cervídeo) revelaram a existência de várias espécies caracterizadoras de uma fase mais antiga, com a existência de floresta de carvalho negral e alvarinho, aveleira, salgueiro, sobreiro, azinheira, algumas leguminosas e, talvez, o pinheiro marítimo. Por seu turno, as camadas mais recentes mostram a degradação da floresta "em favor da expansão da agricultura e de zonas onde se pratica intensamente o pastoreio" (*idem*, 47).

A análise paleocarpológica revelou a presença de pereira brava e uma gramínea (a nozelha).

De salientar a não detecção de cereais, o que numa sociedade presumivelmente baseada numa economia agrícola é de estranhar.

Associada a este povoado havia escavado a necrópole do Tapada da Caldeira (JORGE 1980), com sepulturas abertas no saibro. Em face dos dados fornecidos pela escavação de uma sepultura infantil, coloca a hipótese da transmissão hereditária de um estatuto social superior no seio da comunidade nos séculos XIII-XII a. C.. Esta constatação, aliada à intensificação económica, sugere que a posse e transmissão da terra era a base fundamental de sustentação da estabilidade de novas elites.

reutilizações "resultantes do carácter obrigatoriamente sazonal das armazenagens" (*idem*, 59). As infiltrações de água, dada a deficiente impermeabilização, levaram à sua inutilização através dos tempos.

As fossas pequenas serviriam para "produtos mais escassos e de consumo mais imediato" (*idem*, 60).

Este contexto leva-a a concluir que nesta primeira etapa, especialmente no Norte (Minho e Douro Litoral), terão emergido, correlacionados com povoados de vocação agro-pastoril, necrópoles de sepulturas planas, de inumação individual (abertas no saibro ou em cistas), contendo um ou mais vasos cerâmicos, entre os quais taças de "largo bordo horizontal".

Nesta fase, ao contrário da seguinte, e de acordo com os poucos dados disponíveis, não parecem existir indícios de forte competição social.

No segundo período, é notória a maior quantidade de produção e circulação de objectos metálicos, inclusivamente de ourivesaria, sendo muitos deles de fabrico local, segundo modelos alógenos, provavelmente de influência mediterrânica (ALMAGRO-GORBEA 1986).

Paralelamente aos tipos de habitat e necrópoles referidos para a primeira fase, que continuam a ser utilizados, surgem os primeiros povoados de altura, com defesas naturais e artificiais, onde ocorrem objectos metálicos e cerâmicas brunidas reveladores de maior prestígio (JORGE 1988; MARTINS, 1990).

É também mais notório o eventual sistema hierarquizado de povoamento, bem como o aparecimento de "povoados centrais" que gerem a produção e circulação metálicas e a redistribuição de produtos de consumo.

Neste modelo de povoamento os referidos povoados abertos, com fossas, poderiam funcionar como "celeiros" da comunidade e estariam interligados com os povoados de altitude. Esta localização, bem como as fortificações, seriam justificadas pela necessidade de gestão da produção e circulação à distância do metal, defendendo-se também mais facilmente face a possíveis agressões que a eventual competição provocaria.

Este contexto social levará a desigualdades e assimetrias e à ascensão de certos chefes que, por sua vez, se revelam na elaboração de algumas estátuas-menires, como as de Chaves, Ermida, Bouça e, entre outras, a da Boulhosa (Paredes de Coura).

Estas estátuas, apesar dos variados tipos, seriam representações com carácter antropomórfico, relativas a personagens com estatuto superior, glorificadas na sua função de comando, em que a figura é, possivelmente, divinizada e heroificada. Desta forma, mantinha-se viva a

memória do "chefe" no seio da comunidade que honrava.

Em suma, ao tentarmos fazer o balanço sobre a evolução do povoamento no Bronze Final, as dificuldades são acrescidas. Como diz S. O. Jorge (1990) ocorre-nos a ideia de opacidade.

De facto, apesar da quantidade de materiais arqueológicos com grande informação, como os objectos metálicos, as "estelas" ou as "estátuas-menires", praticamente não conhecemos os povoados ou os sepulcros desta época.

Apesar de esta realidade ser um facto também para o estudo de outras sociedades, aqui cresce que a complexidade social atingida dificulta esta tarefa. Ou seja, praticamente desconhecemos o comportamento quotidiano destes povos, dado que os poucos povoados estudados não reflectem a imagem generalizada, nem sequer aproximada, da economia ou das estruturas mentais e sociais.

Aparentemente, estamos perante uma sociedade cada mais centralizada, em que as várias comunidades se expandem por diversas áreas, especializando-se na exploração dos diversos recursos de cada zona, o que nos fornece uma malha de povoamento demasiado vasta e heterogénea para que se possa abarcar com os poucos estudos existentes.

De facto, investigar a esta etapa do 1º milénio a.C., como outras épocas, apenas fará sentido quando essa pesquisa se fizer à escala regional, com uma inventariação sistemática e um estudo profícuo dos locais habitados.

É premente o abandono dos estudos isolados de cada povoado, necrópole, em suma de qualquer estação arqueológica, sem que se faça a sua inserção na realidade abrangente, caracterizadora da sua identidade cultural.

Por outro lado, e apesar do consenso de "que as origens da "Cultura Castreja" deveriam ser procuradas no Bronze Final" (MARTINS 1990, 17), esta lacuna encontra-se por resolver, facto para o qual contribuí a referida descontextualização dos achados e, muito provavelmente, porque os locais de ocupação dos habitats abertos da Idade do Bronze no NO foram, na maioria dos casos, também os eleitos para a ocupação dos povoados fortificados da Idade do Ferro, embora possa ter existido descontinuidade de ocupação, como parece tam-

bém comprovar-se, em alguns dos povoados que temos em estudo na bacia superior do rio Coura.

Abstraindo-nos destes problemas e fazendo o balanço do tipo de enfoque com que os estudos apresentados foram feitos, podemos concluir que, grosso modo, perpassam por esta análise, dois tipos de modelos explicativos em relação à época aqui estudada, a que podemos acrescentar um outro.

Autores há, como Susana Oliveira Jorge, que explicam as inovações e mudanças através de causas económicas, que se reflectem obviamente em transformações sociais.

Inovações e mudanças essas que, podendo embora ser influenciadas por elementos alógenos, acontecem por uma "criatividade" autóctone, que através dos tempos e por vários tipos de estímulos, sobretudo de carácter natural, ou seja, ditados pelo ecossistema em que estão situados, vão desenvolvendo as formas de vida, a cultura em que estão inseridos, "lutando" ou coexistindo contra o tradicional conservadorismo.

Por outro lado, e ao contrário desta autora, existem outros investigadores - que têm estudado esta área cronológica na região - que defendem as referidas mudanças, abundantes nesta época, através do "habitual" difusionismo, que Susana O. Jorge tenta genericamente refutar.

Existem ainda aqueles que procuram uma solução de compromisso entre os dois tipos de modelos explicativos da evolução do povoamento nesta época.

A investigação futura deverá procurar na aparente uniformidade, inerente a cada época, as especificidades ou singularidades de cada zona, de forma articulada e interdisciplinar, o que está longe de ser conseguido, dado que, pelo menos no Norte de Portugal - zona que conhecemos melhor -, ainda existem muito poucos projectos de investigação que se preocupam com essa perspectiva. Se, por um lado, continuando as teses megalómanas (que estão a cair em desuso) que abarcam largas zonas, tentando correlacionar dados locais sem ser inseridos na realidade regional e local, generalizando aspectos que, eventualmente, nada têm de similar entre si. Por outro lado, continuam a fazer-se escavações esporádicas, geralmente pela escassez de subsídios que, tal como as anteriores, continuam por publicar.

As análises de todo o tipo, salvo de Carbono 14 e de algumas situações pontuais, continuam por se fazer, permanecendo os investigadores, por exemplo, alheios ao conhecimento do ecossistema que "gerou" estas comunidades, apenas levantando hipóteses e tentando empiricamente conhecer essa realidade.

A interdisciplinaridade continua a ser um mito.

Após essa busca, das particularidades, poder-se-ia, então, tentar compreender o papel de cada região, no todo Peninsular, e as relações inter-comunitárias supra-regionais.

Apenas actualmente alguns arqueólogos vêem as vantagens e a necessidade, e que nada tem de "desprestigioso" (como parecia ser até há pouco tempo) investir em estudos regionais, como nós próprios temos feito.

É dentro deste contexto que tentaremos fazer um estudo essencialmente descritivo dos materiais que na área da bacia superior do rio Coura foram detectados através dos tempos. Temos como principal finalidade dá-los a conhecer, esperando que de alguma forma seja um ponto de partida para futuras pesquisas e, obviamente, algumas conclusões que, por ora, na aceção que gostaríamos, infelizmente, não são possíveis.

2. A BACIA SUPERIOR DO RIO COURA

Como se pode analisar pela cartografia (2) (EST. I e II), o concelho de Paredes de Coura situa-se no distrito de Viana do Castelo, na região geográfica do Alto Minho ou Minho Setentrional, em zona central em relação aos concelhos que o circundam, nomeadamente Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, Monção, Valença e Vila Nova de Cerveira.

Os limites administrativos são em grande parte coincidentes com os da bacia superior do rio Coura, que é limitada a NNE, E e SSE por zonas de bastante altitude, como a Serra da

Boulhosa, o Monte de Lamas e o Corno do Bico (Serra de Bico), que oscilam entre os 700 e os 835 metros, inclinando-se esta área geográfica no sentido oeste, do mar, variando as altitudes, neste ponto cardeal, entre os 120 e os 350 metros.

O rio Coura, de traçado sinuoso, corre em vale estreito, tendo vários afluentes e nascentes. Passa em cotas compreendidas entre os 500 e os 120 metros. Separa esta área geográfica sensivelmente pelo meio, percorrendo um talvegue sinuoso no sentido NE-SO.

O território, em termos geológicos, é constituído por terrenos arcaicos e graníticos, onde abunda o granito porfiróide, de grão grosso, existindo também afloramentos xistentos com alguma abundância.

3. OS VESTÍGIOS DO BRONZE FINAL

Os vestígios materiais até hoje encontrados nesta área, referentes à Idade do Bronze Final, são escassos (3), não podendo, por ora, serem apontados quaisquer povoados desta época, ou níveis estratigráficos que lhe correspondam (por exemplo, em povoados fortificados), mas sim alguns instrumentos caracterizadores desta época, os designados "fósseis directores". É o caso de duas dezenas de machados de bronze que apontam, eventualmente, para a ocupação, nesta época, dos povoados fortificados onde foram encontrados, no caso o de Cristelo.

No actual estado dos trabalhos de prospecção e tendo em consideração as características topográficas e o aparecimento de alguns machados, apenas podemos aventar a hipótese da existência de um povoado aberto em Cabeludas. Trata-se de um recinto cujas dimensões excedem os cem metros de comprimento. Possui grande quantidade de blocos graníticos, de grande porte, e um perfil arredondado, com uma pequena planura alongada no cimo, no sentido N-S. Até ao momento, em termos de espólio, só

(2) Na cartografia dos Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1/25.000, a área da bacia superior do rio Coura, assim como o concelho de Paredes de Coura, ocupam parte dos mapas referenciados com os números 7 (1949), 8 (1949), 15 (1949) e 16 (1948).

(3) J. Correia refere que em Vascões, perto das mamoas de Chã de Lamas e da Lagoa da Salgueirinha, teria aparecido "um sarcófago com inúmeros objectos da Idade do Bronze", objectos esses que não viu (1957, 37), e dos quais não possuímos qualquer outra referência.

foram encontrados, na base do monte, os três machados.

No lugar do Castelo a possibilidade da existência de um povoado da Idade do Bronze parece-nos um pouco remota. Estaremos antes na presença de um local típico de ocultação. Contudo, alguns autores referem-se a este local como um "Castro". Estão neste caso Abel Viana (1932, 161), Narcizo A. Cunha (1909 [1979], 131) e A. C. Silva (1986, n.º 71), embora não especifiquem esta atribuição. No local não existem vestígios de estruturas de defesa ou de outro tipo, embora tenhamos detectado alguns fragmentos cerâmicos que apontam para a romanização do local e eventual ocupação posterior.

Além dos povoados fortificados da Idade do Ferro de Cristelo (Foto 1) e, eventualmente, do Castelo (Foto 4), e da hipótese de um povoado do Bronze, em Cabeludas (Foto 11), sem aparente continuidade de ocupação, encontrámos um fragmento de cerâmica de fabrico manual, na tradição decorativa do "tipo Penha", bem como outros fragmentos de cerâmica de fabrico manual desta época, no povoado fortificado de Montuzelo. Este achado poderá apontar para mais um local com ocupação no Bronze Final, com continuidade apenas na Idade do Ferro, dado que não parece ter sido romanizado.

No entanto, estas referências não passam de hipóteses de trabalho, que apenas com futuras campanhas de escavação poderemos alicerçar.

4. OS MACHADOS DE TALÃO

Os machados foram detectados em diferentes pontos da área da bacia superior do rio Coura (Est. II) e, segundo a bibliografia que se lhes refere (MONTEAGUDO 1977, 167), três seriam de proveniência desconhecida. Contudo, recentemente descobrimos a sua localização, como veremos.

Possuem lâmina estreita, de gume alargado, por vezes fracturado, curvilíneo. As lâminas possuem nervuras laterais, em ambas as faces.

O talão possui ressalto médio elevado de secção variável, entre a hexagonal e a ovóide, sendo espessado e de cantos angulosos, curvos ou terminando em triângulo, conforme o tipo a que se refere. Tem abas laterais em ambas as faces.

Um dos machados (de tipo 38B, das Cabeludas - n.º 14) possui dois sulcos centrais na lâmina, além das típicas nervuras laterais.

Os anéis são de secção semicircular, o cabeção de secção, geralmente, circular, por vezes com um desnível de poucos milímetros que se visualiza apenas em perfil. Conservam o cone de fundição e as rebarbas.

A justaposição das duas partes do molde nem sempre foi correcta, pelo que podem apresentar um pequeno desvio. Por vezes, possuem também vários negativos, derivados da existência de bolhas de ar nas valvas.

A primeira tipologia conhecida, de E. Mac White (1951, 64-68), divide este tipo de machado em três grupos. Por analogia podemos classificar os materiais aqui detectados como pertencentes ao seu terceiro grupo, que, segundo aquele autor, pode ter sido influenciado pelos machados de cubo que têm a mesma secção exterior. Por se situarem tipologicamente afastados dos machados típicos deste tipo, E. Mac White deduz serem mais tardios. Refere, ainda, que, dada a grossura do talão e a existência do cabeção (apenas existe nos machados peninsulares), muito dificilmente seriam encabados, pelo que deveriam ser votivos.

Este tipo de machado tem a sua área de concentração na Galiza e norte de Portugal, estendendo-se até ao norte europeu, pelos Pirenéus, e até ao sul, pela Andaluzia, além de existirem também na França e Inglaterra. Conclui que esta expansão se deveu ao comércio de estanho, e que, apesar de todos terem origem na Península, muitos seriam de fabrico local. Realça ainda a existência de uma variação muito rara em três machados do depósito de Castelo, correspondentes aos números 5, 7 e 9.

Por seu lado, a tipologia mais recente, de L. Monteagudo (1977), atribui-lhes o Grupo 29, do tipo Minho e variantes.

O conjunto apresenta grandes semelhanças formáticas, sendo o elemento mais vincadamente caracterizador e, portando, diferenciador de cada sub-grupo, o formato do ressalto da espera do talão, que se apresenta de cantos angulares (correspondente ao tipo 29A), arredondados (tipo 29B - também na mesma tipologia), ou, num único caso, em formato sub-triangular (tipo 29C).

Além dos três mencionados de Cristelo (Est. III; Fotos 2 e 3), apareceram outros, em igual

número, em 1935, aquando da abertura da estrada Paredes de Coura-Extremo, no lugar de Cabeludas (Est. VIII; Fotos 12, 13 e 14), na junção das freguesias de Insalde e Padornelo.

Após um estudo pormenorizado, descobrimos algumas imprecisões na atribuição da proveniência destes materiais e na sua classificação tipológica.

Apesar de possuírem ligeiras diferenças entre eles, apresentam as mesmas características dos anteriores (de Cristelo), assim como a mesma tipologia. No entanto, um dos referidos como sendo deste local (Cabeludas) não o é. Assim, temos um machado de tipologia muito diferente dos outros desta área, sem cabeção. Seguindo a mesma tipologia, classificamo-lo como pertencendo ao grupo 38 B (4).

Estão depositados no Museu Pio XII, em Braga.

O maior e último grupo de machados de bronze (Est. IV a VII; Fotos 5 a 10) apareceu no local do Castelo, pequena elevação fronteiriça ao rio Coura, onde surgiram também diversos fragmentos de tégula e, recentemente, fragmentos de cerâmica, eventualmente da Idade do Ferro. Trata-se de um grupo de 14 machados.

Têm as mesmas características dos anteriores, formando, contudo, dentro da sua homogeneidade, três subgrupos tipológicos, com grandes semelhanças formáticas entre si.

Actualmente, estão depositados no Museu Nacional de Arqueologia, tendo sido grande parte deles restaurados para exposição.

Em resumo, temos na bacia superior do rio Coura três conjuntos de machados de bronze, de talão, bifaces de dois anéis, distribuídos por três tipos, dentro do grupo caracterizante do Miño (Grupo 29), e por um elemento tipológica e cronologicamente muito distinto dos anteriores, fruto, talvez, de relações externas com o Miño, da Galiza de então.

O Quadro I, referente ao enquadramento dos locais onde foram detectados estes vestígios do Bronze Final, mostra-nos que estes apareceram sempre na base de montes, sendo dois casos na base de povoados fortificados da

Idade do Ferro. Este facto permite-nos apontar uma hipotética cronologia de ocupação desta época para estes habitats. Num dos casos, em Cabeludas, não há vestígios da Idade do Ferro no local, embora o povoado da Giesteira se situe relativamente próximo.

5. FICHEIRO

O inventário foi organizado por freguesia e por ordem alfabética.

A classificação do tipo de estação é precedida pelo seu número, em relação às demais estações da mesma ambiência cronológica e do respectivo código (BRZ - Bronze Final).

A seguir ao código atribuído à estação temos o tipo desta. Segue-se a localização, na qual incluímos o lugar, as coordenadas planimétricas U.T.M. (X e Y), a altitude e as respectivas cartas militares (Escala 1/25.000) e geológicas (Escala 1/50.000). Seguidamente apresentamos considerações sobre a estação e o espólio detectado. Por fim, caso exista, a bibliografia que conhecemos (por ordem cronológica de edição).

BRZ 1 - MACHADOS DE TALÃO DE CRISTELO

O povoado fortificado de Cristelo (PVF 4 - SILVA 1994), na base do qual apareceu este espólio, situa-se no lugar de S. Sebastião, na freguesia de Cristelo.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 166,2; Y = 548,5.

Altitude: 495,5 metros (vértice topográfico de segunda ordem).

C.M.P.: 1/25.000, 15, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

Geologicamente o povoado localiza-se numa mancha de rochas eruptivas, de granito calco-alcalino, porfiróide, de grão grosseiro.

Desenvolve-se por uma elevação de encosta abrupta, a norte, e mais suave, a sul. No cimo do monte existe um *plateau* de médias dimensões, sub-circular. O vale passa a uma cota média de 450 metros.

A rede hidrográfica é abundante, sendo o monte contornado pelo rio Coura, a leste e a norte, a cerca de 400 metros de distância, com inúmeras linhas de água que aí confluem, e a

(4) A publicação de L. Monteagudo conta com várias imprecisões, atribuindo a Paredes de Coura um machado de Afife e não referindo outro de Cabeludas.

oeste pela ribeira do Fundão e pelo rio dos Cavaleiros.

Está implantado numa mancha de solo de tipo C, referente a solos com aptidão agrícola condicionada, rodeada por uma larga mancha de solos de tipo F, ou seja, com aptidão florestal.

O povoado situa-se no cimo do monte e na sua vertente, sensivelmente entre as cotas 470 e 495.5, representando esta última a altitude máxima.

As dimensões do recinto não excedem os cento e cinquenta metros de comprimento.

A densa vegetação e a grande quantidade de blocos graníticos de grande porte impedem a possibilidade de se visionar, na sua totalidade, o local por onde passariam as muralhas. No entanto, estas devem ser duas: uma rodeando a "acrópole" e outra sensivelmente no meio da encosta.

Na zona da "acrópole" existem vários rebai-xos nos afloramentos, que indicam o assentamento de estruturas.

Na encosta existem nítidos vestígios de estruturas, provavelmente habitacionais, e muita pedra aparelhada em granito. Existe um pio circular, muito polido, num rochedo a leste.

O Castro de Cristelo é um dos povoados fortificados mais conhecidos do concelho de Paredes de Coura. Contudo, nunca foi alvo de qualquer estudo mais aprofundado, excepto os recentemente por nós publicados (SILVA 1992, 37-52 e SILVA 1994).

De entre o espólio detectado, destacam-se fragmentos de cerâmica indígena de fabrico micáceo, de utilização doméstica; cerâmica também doméstica e de construção, de ambiência romana, proveniente de prospecção de superfície e outro material encontrado em épocas anteriores, nomeadamente os três machados de bronze, várias mós e uma ara. Além das inúmeras mós rotativas e fragmentos destas que têm aparecido neste povoado, detectámos um fragmento de um rebolo de mó manual, em granito de grão fino, e vários seixos truncados, com vestígios de uso.

Também aqui foi encontrada, no princípio do século uma ara, reutilizada mais tarde para fins religiosos, passando, assim, por um processo de cristianização. Está praticamente ilegível.

Foi-nos várias vezes referida a existência de uma sepultura escavada na rocha, na base do povoado. Contudo, ainda não a localizamos pelo facto de estar soterrada.

Tem como N.º Nacional de Estação o 3523.

Por informação do Sr. Jorge Brandão, morador em Cristelo, conseguimos localizar a proveniência dos três machados de bronze, tidos, até agora, como aparecidos no concelho de Paredes de Coura, em parte incerta.

Diz-nos que "junto a um pinhal, a nascente do Monte de Cristelo, foram encontrados por uns homens e posteriormente recolhidos pelo meu pai, que os entregou ao então Padre da freguesia de Insalde. Eram três e a um deles faltava a parte superior".

Isto passou-se há cerca de 60 anos.

Pela mesma altura foram também entregues ao referido padre, para além dos três machados, "uma pirâmide" em pedra, com cerca de um metro, uma ara dedicada a Osiris [?] e outros materiais em pedra, nomeadamente mós giratórias e cerâmica vária.

N.º 1 (Est. III, Foto 2)

Proveniência: em trabalhos de prospecção e falando com a população local, verificámos que estes machados tinham aparecido num pinhal, sensivelmente a leste do Castro de Cristelo, assim como outros materiais de características "castrejas" e romanas.

Tipo: 29 A (Minho A - seg. L. Monteagudo - 1977 (5)).

Dimensões (segundo o eixo morfológico, em centímetros): Comprimento: com cabeção: 23,1; sem cabeção: 19,9;

Largura: cabeção: 4,1; talão: 2,65; aletas: 6,25; gume: 4,5; anéis: 0,9;

Espessura: cabeção: 4,4; talão: 2,5; espera do talão: 3,5; gume: 0,5; anéis: 0,95.

Peso: 1,200 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo que se encontra fracturado, faltando-lhe os cantos. A lâmina tem nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado, espessado e de cantos angulosos. Abas laterais, também em ambas as faces.

Anéis de secção semicircular, estando um deles quase tapado pelas rebarbas de fundição. Espera do talão de secção hexagonal.

(5) Agradecemos a Erika Magalhães que amavelmente nos fez a tradução dos textos desta obra.

Conserva, pois, as rebarbas e o cone de fundição. Este último possui um desnível de dois milímetros no topo, sendo de secção oblíqua.

Estado de conservação: Bom, apesar de muito deteriorado. Foi restaurado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11054).

Bibliografia: MONTEAGUDO 1977, 167, n.º 990; SILVA 1986, Qd. 4; SILVA 1992, 37-52 e SILVA 1994.

N.º 2 (Est. III, Foto 3)

Tipo: 29 A

Dimensões: Comprimento: total: 24,6; actual: 19,3;

Largura: cabeção: (?); talão: 3,15; aletas: 7,2; gume: 5,5; anéis: 0,9;

Espessura: cabeção: (?); talão: 2,8; espera do talão: 3,3; gume: 0,45; anéis: 0,9.

Peso: (da parte que resta) 850 gramas.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo, que se encontra levemente fracturado, faltando-lhe um canto. A lâmina possui nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado, espessado, assimétrico (em relação à face inferior) e de cantos angulosos. Abas laterais, também em ambas as faces. Está fracturado sensivelmente a meio do talão, não tendo sido possível encontrar a parte superior (parte do talão e bolo de fundição).

Anéis de secção semicircular, bastante grandes, tendo um deles muitas rebarbas de fundição. Conserva as rebarbas, como se mencionou. Apesar de idêntico aos anteriores, seria de maiores dimensões.

Estado de conservação: Mau, tendo sido restaurada a parte que resta.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11057).

Bibliografia: MONTEAGUDO 1977, 167, n.º 992; SILVA 1986, Qd. 4; SILVA 1992, 37-52 e SILVA 1994.

N.º 3 (Est. III)

Tipo: 29 A

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 18,3; sem cabeção: 14,3;

Largura: cabeção: (?); talão: (?); aletas: 4,2; gume: (?); anéis: (?);

Espessura: cabeção: (?); talão: (?); espera do talão: 2,3; gume: (?); anéis: (?).

Peso: (?).

Descrição: Machado de talão (que já não possui), biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo, à qual faltam alguns milímetros, pois encontra-se fracturado, faltando-lhe os cantos. A lâmina tem nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado e espessado e abas laterais, também em ambas as faces. O talão está fracturado logo no início, tendo sido encontrado já neste estado, como referimos.

Anéis pequenos de secção semicircular.

Conserva as rebarbas de fundição.

Segundo desenho de L. Monteagudo (1977, 167), teria a espera do talão de secção hexagonal.

Contudo, o machado que apresenta não deve ser de Cristelo, dado que o número que refere como inventariado neste Museu (11060) corresponde a outra peça, o machado nº 7 proveniente do lugar de Castelo. Pelo facto, não podemos ter confiança na descrição aqui feita, elaborada a partir dos dados deste autor.

Estado de conservação: Seria o machado em pior estado de conservação, faltando-lhe todo o talão, assim como o gume.

Depósito: Apesar de a bibliografia o referir como depositado no Museu Nacional de Arqueologia, não foi possível encontrá-lo (Abril de 1993).

Bibliografia: MONTEAGUDO 1977, 167, n.º 991; SILVA 1986, Qd. 4; SILVA 1992, 37-52 e SILVA 1994.

BRZ 2 - MACHADOS DE TALÃO DO CASTELO

O possível povoado fortificado do Castelo (PVF (?) 8 - SILVA 1994) situa-se no lugar do Castelo, na freguesia de Formariz.

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 163,4; Y = 550,0.

Altitude: 290 metros.

C.M.P.: 1/25.000,7, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

Geologicamente o local está situado numa mancha de rochas eruptivas, de granito calco-alcalino, porfiróide, de grão grosseiro.

Em termos geomorfológicos, trata-se de uma elevação de pequenas dimensões, com encostas de declive suave.

A rede hidrográfica é abundante, localizando-

-se sob o rio Coura, numa das zonas de maior caudal (a actual praia fluvial).

Está implantado numa mancha de solo de tipo A.

É uma zona de vale, com explorações agrícolas e terrenos de pastorícia.

O monte tem um perfil arredondado, sendo de pequenas dimensões.

Na sua parte mais elevada foram construídos, em tempos idos, uma torre e um lago, o que destruiu eventuais vestígios de povoamento.

As dimensões do recinto são superiores a 200 metros de comprimento.

Não existem vestígios de muralhas.

O local onde apareceram os materiais, pertence à Quinta de Mantelães. Neste local apareceram também, conjuntamente com os machados e no dizer de Narcizo C. Cunha, diversos "restos de tijolo de rebordo" (CUNHA 1909 [1979], 128). Seriam restos dos moldes de fundição, ou tégula?

A possibilidade da existência de um povoado da Idade do Bronze parece-nos um pouco remota. Estaremos antes na presença de um local típico de ocultação. No local não existem actualmente vestígios visíveis de estruturas de defesa, ou quaisquer outras, embora recentemente tenhamos encontrado alguns fragmentos cerâmicos. Continua, pois, em aberto a possibilidade de ter sido um habitat.

Alguns autores no princípio do século referiram a existência de restos de fortificação, bem como um pio em afloramento.

No entanto, como se referiu, não existem vestígios de amuralhamentos, embora o monte tenha as características topográficas de um povoado de vale.

Além dos machados de talão surgiram fragmentos de cerâmica bastante fina.

Aqui foi detectado o grupo de catorze machados, com as mesmas características dos anteriores, formando, contudo, dentro da homogeneidade, três subgrupos tipológicos de grande semelhança formática. Actualmente só existem oito (6).

(6) Em relação aos outros seis machados que teriam sido aqui encontrados, nada podemos acrescentar, dado que estão tidos como desaparecidos, não se encontrando no Museu Nacional de Arqueologia, como tem sido referido em bibliografia.

Estes materiais foram várias vezes mencionados em bibliografia. No entanto, deles só se fez referências ao seu local de origem. Apenas L. Monteagudo (1977) os estudou em particular, embora esse estudo versasse apenas seis deles - todos os outros podem-se considerar praticamente inéditos.

Narcizo Cunha refere, em 1904, que:

"por ocasião da surriba de uma propriedade de sr. conselheiro Miguel Dantas G. Pereira, chamada -"Castello" - (...) apareceram, reunidos, em monte, numa pequena cavidade, aberta no solo, junto dum pequeno bloco granítico, à profundidade de 0,66m, *quatorze machados de bronze*".

Diz ainda que se deslocou ao local do achado, na esperança de encontrar as "formas", "mas só encontrei restos de tijolo de rebordo, e vi a *cama* em que ele apareceu".

A intencionalidade de ocultação é pois bem evidente.

"Dos *quatorze machados* (...) foram oferecidos nove ao sr. conselheiro Vargas pelo antigo proprietário do *Castelo*, quatro a mim, e um ficou em poder do capataz da surriba, que depois adquiri. Hoje, creio que o *tesouro* está outra vez, reunido em *vitrine* daquele Museu" (1909 [1979], 127-129) (reportando-se ao actual Museu Nacional de Arqueologia - o que infelizmente não acontece).

Este autor descreve os materiais atribuindo-lhes dois grupos. No primeiro grupo inclui os "menos perfeitos, eram mais compridos, mais pesados, menos correctos na fundição, com mais rebarbas, sendo um dos anéis mais *apertado* do que o oposto. (...) As quinas do fio eram menos correctas, rombas e amolgadas, talvez pelo trabalho.

Os outros [o segundo grupo], que considero mais perfeitos, tinham as cabeças mais pequenas, as aberturas das ansas mais regulares, e o gume menos gasto.

O *chanfre* do fio era perfeitamente regular (...) pareciam novos, como saíam do molde do calderario."

Estes machados estão classificados com o número Nacional de Estação de 868.

Bibliografia: VIANA 1926, 89 e 1932, 161; CUNHA 1909 [1979], 131; SILVA 1986, 71, n.º 58 e SILVA 1994.

N.º 4 (Est. IV, Foto 5)

Tipo: 29 A.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 24,4; sem cabeção: 21,0;

Largura: cabeção: 4,3; talão: 2,8; aletas: 6,3; gume: 5,1; anéis: 1,0;

Espessura: cabeção: 3,9; talão: 2,8; espera do talão: 3,6; gume: 0,3; anéis: 0,9.

Peso: 1,100 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo que se encontra levemente fracturado, faltando-lhe um canto. A lâmina tem nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado, espessado e de cantos angulosos. Abas laterais em ambas as faces. Espera de secção hexagonal.

Anéis de secção semicircular. O cabeção tem um desnível em perfil de quatro milímetros.

Conserva o cone de fundição e as rebarbas. Em uma das fases possui vários negativos de bolhas de ar.

Estado de conservação: Bom. Foi restaurado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11053).

Bibliografia: CUNHA 1909 [1979], 131; PEREIRA 1903, 132-136; FORTES 1916, 338; MAC WHITE, 1951, 66; SAVORY 1951, 362; MONTEAGUDO 1977, 167, N.º 995; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 5 (Est. IV, Foto 6)

Tipo: 29 A.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 23,3; sem cabeção: 21,6;

Largura: cabeção: 3,7; talão: 2,6; aletas: 6,7; gume: 5,3; anéis: 0,9;

Espessura: cabeção: 2,8; talão: 2,5; espera do talão: 3,75; gume: 0,2; anéis: 0,85;

Peso: 1,025 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume muito alargado, curvilíneo, com os cantos angulosos. A lâmina tem nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio muito elevado, espessado e de cantos angulosos. Abas laterais muito vincadas, também em ambas as faces. Espera de secção hexagonal.

Anéis de secção semicircular, bastante grandes.

Conserva o cone de fundição, anormalmente pequeno e irregular. As rebarbas são pouco nítidas, quase não existindo.

Realce-se que o fabrico deste machado é diferente dos outros, muito mais apurado, com uma óptima definição dos pormenores.

Estado de conservação: Bom. Foi restaurado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11059).

Bibliografia: CUNHA 1909 [1979], 131; PEREIRA 1903, 132-136; FORTES 1916, 338; MAC WHITE 1951, 66; SAVORY 1951, 362; MONTEAGUDO 1977, 167, N.º 996; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 6 (Est. V, Foto 7)

Tipo: 29 A.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 24,6; sem cabeção: 20,6;

Largura: cabeção: 4,5; talão: 2,7; aletas: 6,35; gume: 5; anéis: 0, 9;

Espessura: cabeção: 5,4; talão: 2,9; espera do talão: 4,1; gume: 0,3; anéis: 0, 8.

Peso: 1,275 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel, mas com algumas variantes em relação aos demais, do mesmo tipo.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo faltando-lhe os dois cantos (um foi restaurado).

A lâmina possui nervuras laterais em ambas as faces e uma espessura exagerada que se aproxima da da espera, além de que, num dos lados, é ligeiramente concava.

Talão com ressalto médio muito elevado, espessado e de cantos angulosos. Possui abas laterais também em ambas as faces. Ressalto de secção sub-hexagonal.

Anéis de secção semicircular. Cabeção de secção sub-rectangular, com um rebordo de quatro milímetros.

Conserva o cone de fundição e as rebarbas. O molde estaria deslocado pelo que a peça está descentrada.

Estado de conservação: Bom. Foi restaurado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11056).

Bibliografia: CUNHA 1909 [1979], 131; PEREIRA 1903, 132-136; FORTES 1916, 338; MAC WHITE 1951, 66; SAVORY 1951, 362; MONTEAGUDO 1977, 170, N.º 1037; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 7 (Est. V)

Tipo: 29 B (Minho B - seg. L. Monteagudo - 1977).

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 24,4; sem cabeção: 20,5;

Largura: cabeção: 4,4; talão: 2,5; aletas: 6,3; gume: 5,2; anéis: 0,95;

Espessura: cabeção: 5,5; talão: 3,1; espera do talão: 3,9; gume: 0,4; anéis: 1,1.

Peso: 1,225 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel, mas de tipologia diferente.

Lâmina estreita, de gume muito alargado, curvilíneo e com cantos arredondados. A lâmina possui nervuras laterais em ambas as faces. Talão com ressalto médio elevado, espessado, curvilíneo. Abas laterais também em ambas as faces. Ressonho de secção sub-ovóide.

Anéis de secção semicircular. Cabeção bastante grande.

Conserva, além das rebarbas, o cone de fundição, que possui um desnível de dois milímetros no topo, sendo oblíquo.

Possui vários negativos de bolhas de ar.

A justaposição das duas partes do molde não foi correcta, pelo que tem um pequeno desvio, embora inferior ao do machado anterior.

Estado de conservação: Bom. Foi restaurado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11060).

Observações: Félix Alves Pereira publicou este machado tendo-o considerando como um dos melhor conservados e formosos que conhecia. Em relação aos demais apenas é referida a sua existência (PEREIRA 1903, 132-136).

Bibliografia: CUNHA 1909 [1979], 131; PEREIRA 1903, 132-136; FORTES 1916, 338; MAC WHITE 1951, 66; SAVORY 1951, 362; MONTEAGUDO 1977, 170, N.º 1038; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 8 (Est. VI, Foto 8)

Tipo: 29 B.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 23,3; sem cabeção: 20,5;

Largura: cabeção: 5,0; talão: 2,8; aletas: 6,15; gume: 4,7; anéis: 0,95;

Espessura: cabeção: 3,9; talão: 2,7; espera do talão: 3,7; gume: 0,5; anéis: 1,0.

Peso: 1,250 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo e com cantos arredondados. A lâmina possui nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio muito elevado, espessado, curvilíneo, continuando em abas laterais, também em ambas as faces. Ressonho do talão de secção sub-hexagonal.

Anéis de secção semicircular.

Conserva um pequeno cone de fundição, bem como as rebarbas.

Possui vários negativos de bolhas de ar.

Estado de conservação: Bom. Foi restaurado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11058).

Bibliografia: CUNHA 1909 [1979], 131; PEREIRA 1903, 132-136; FORTES 1916, 338; MAC WHITE 1951, 66; SAVORY 1951, 362; MONTEAGUDO 1977, 170, N.º 1039; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 9 (Est. VI, Foto 9)

Tipo: 29 C (Minho C - seg. L. Monteagudo - 1977).

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 23,4; sem cabeção: 19,8;

Largura: cabeção: 5,5; talão: 2,6; aletas: 5,8; gume (actual): 4,4 (teria 5,5); anéis: 0,9;

Espessura: cabeção: 5,5; talão: 2,7; espera do talão: 3,7; gume: 0,3; anéis: 0,85.

Peso: 1,175 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel. É de tipo diferente de todos os outros desta área.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo e sem os cantos. A lâmina possui nervuras laterais em ambas as faces e tem um ressalto bastante mais vincado, o que o distingue dos demais. A superfície da lâmina é convexa.

Talão com ressalto médio elevado, espessado e assimétrico (em relação à face inferior), que continua em abas laterais. Ao contrário dos outros, o ressalto termina em ponta arredondada, sendo unido por um segmento, formando assim uma figura subtriangular, em ambas as faces. Tem uma secção sub-ovóide.

Anéis de secção semicircular, pequenos.

Conserva o cone de fundição, que é muito irregular e pronunciado, se comparado com o conjunto da peça. O seu perfil, no topo, é bastante diferente, com um desnível de 5 milímetros. Possui também as rebarbas.

A parte inferior é muito irregular.

Estado de conservação: Bom. Foi restaurado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11055).

Observações: "Este tipo de machado é relativamente raro, tendo uma maior concentração, embora não nítida, a Oeste e Norte do Douro Litoral e a SO, Oeste e Norte do Minho" (MONTEAGUDO 1977, 173).

Bibliografia: CUNHA 1909 [1979], 131; PEREIRA 1903, 132-136; FORTES 1916, 338; MAC WHITE 1951, 66; SAVORY 1951, 362; MONTEAGUDO 1977, 173, N.º 1058; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 10 (Est. VII)

Tipo: 29 A.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 27,3; sem cabeção: 23,3;

Largura: cabeção: 4,4; talão: 2,6; aletas: 7,1; gume (teria): 5,9; anéis: 0,95;

Espessura: cabeção: 3,8; talão: 2,25; espera do talão: 3,7; gume: 0,4; anéis: 1,1.

Peso: 1,150 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume muito alargado, curvilíneo, ao qual falta um canto. A lâmina possui nervuras laterais muito vincadas em ambas as faces.

Talão com ressalto médio muito elevado, de cantos angulosos, espessado, que continua em abas laterais também em ambas as faces.

Anéis de secção semicircular, muito irregulares e cabeção de secção também irregular, imperfeito, faltando-lhe aparentemente, de origem, uma parte. Conserva o cone de fundição e as rebarbas. Possui vários negativos de bolhas de ar.

Trata-se do machado mais comprido de todos os da área da bacia superior do Coura. Contudo, é desproporcional visto ter um perfil bastante delgado. Daí um peso relativamente pequeno face ao comprimento. O seu fabrico é bastante rudimentar.

Estado de conservação: Bom.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11061).

Bibliografia: Classificamo-lo como inédito, dado nunca ter sido estudado em particular.

N.º 11 (Est. VII)

Tipo: 29 B.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 24,5; sem cabeção: 20,3;

Largura: cabeção: 4,2; talão: 2,1; aletas: 6; gume (teria): 4,9; anéis: 0,8 e 1,2;

Espessuras: cabeção: 4,1; talão: 3,1; espera do talão: 3,6; gume: 0,4; anéis: 1,1.

Peso: 1200 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume que seria alargado, curvilíneo e que se encontra muito fracturado, faltando-lhe os dois cantos. A lâmina tem nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado, de cantos arredondados, espessado. Continua em abas laterais, também em ambas as faces.

Anéis de secção semicircular, muito irregulares e cabeção de secção sub-circular.

Conserva o cone de fundição e as rebarbas. Possui vários negativos de bolhas de ar.

Estado de conservação: Encontra-se em mau estado, visto estar fracturado a seguir ao talão. As fracturas de corte foram limadas, tal como a parte externa dos anéis. Também o gume está muito mal conservado.

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia (n.º inv. 11076 - Cont. 1177, vol. 3, MNA 0443).

Bibliografia: Classificamo-lo como inédito, dado nunca ter sido estudado em particular.

BRZ 3 - MACHADOS DE TALÃO DO ALTO DA COGULUDA

O possível povoado da Coguluda situa-se no Alto da Coguluda, também designado por Porta da Várzea, nas freguesias de Insalde e Padornelo.

A sua localização é a seguinte:

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 166,7; Y = 552,1.

Altitude: 504 metros.

C.M.P: 1:25.000, Folha N.º7 (1949).

Carta Geológica: 1-C, Caminha, 1962.

Em termos geológicos, o local situa-se numa mancha de rochas do complexo xisto-migmatítico, composto por migmatitos, gnaisses, micaxistos, xistos luzentes, entre outros.

Geomorfologicamente trata-se de uma elevação de encostas com declive suave, onde abundam afloramentos graníticos.

A rede hidrográfica é abundante, passando a N e O o rio de Codecede e vários riachos.

Está implantado numa mancha actualmente

referente a solo de tipo A, caracterizada por franca aptidão agrícola.

Apesar da aptidão agrícola do solo, grande parte desta área encontra-se abandonada, sendo apenas alguma agricultada.

As dimensões do recinto excedem os cem metros de comprimento.

Existe grande quantidade de blocos graníticos, de grande porte. O perfil do monte é arredondado, possuindo uma pequena planura no cimo, sendo alongado no sentido N-S.

Não foi detectado até ao momento qualquer espólio, além dos machados na base do monte.

Existem vários topónimos de feição arqueológica nas proximidades como Portela, Cimo da Vila, Meca, Cidade.

Muito próximo localiza-se o povoado da Giesteira e vários monumentos megalíticos existiam, a norte, na Serra da Boulhosa.

A localização dos achados é a seguinte:

Coordenadas Planimétricas:

GAUSS: X = 166,9; Y = 551,9.

Altitude: 470 metros.

C.M.P.: 1/25.000, 7, 1949.

C. Geológica: 1/50.000, 1-C, 1962.

Estes machados foram encontrados, em depósito, em 1935, quando se procedia à construção da estrada Paredes de Coura/Extremo, no lugar de Cabeludas. Este local situa-se a NE, na base do Alto da Coguluda, onde hipoteticamente terá existido povoamento na Idade do Bronze. Encontra-se na junção das freguesias de Insalde e Padornelo.

A poucas centenas de metros a norte, com visibilidade perfeita, encontra-se o enorme povoado fortificado da Idade do Ferro da Giesteira.

O estudo dos machados de talão das Cabeludas apresentam-nos alguns problemas, visto a inicial confusão na sua publicação, pois, L. Monteagudo publicou o machado n.º 994 (1977, 167, n.º 994) de Afife como sendo de Paredes de Coura (não sendo referido no seu trabalho qualquer machado de Afife). Em relação ao machado 993 deste autor, encontra-se em restauro. Existe ainda um outro machado deste local, inédito (7). Trata-se de uma peça de um tipo

diferente dos deste grupo e de todos os detectados na bacia superior do Coura.

Observações: N.º Nacional de Estação: 1424.

N.º 12 (Est. VIII)

Tipo: 29 A.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 23,5; sem cabeção: 20,5;

Largura: cabeção: (?); talão: 6,5; aletas: (?); gume: (?); anéis: (?);

Espessura: cabeção: (?); talão: 4,5; espera do talão: (?); gume: (?); anéis: (?).

Peso: 1,150 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina muito estreita (aproximando-se da largura da espera), de gume alargado, curvilíneo que se encontra fracturado. A lâmina tem nervuras laterais em ambas as faces.

Talão com ressalto médio elevado, espessado, de cantos angulosos, continuando em abas laterais, também em ambas as faces. O ressalto da espera do talão é de secção hexagonal.

Anéis de secção semicircular, sendo um maior que o outro.

Conserva o cone de fundição, bastante pequeno, e as rebarbas são pouco nítidas. O cabeção possui um desnível de dois milímetros no topo, sendo pois oblíquo.

Estado de conservação: bom.

Depósito: pertenceu à colecção privada de Ribeiro da Cunha e estaria no Museu Pio XII, em Braga. Actualmente encontra-se em restauro, segundo nos referiu o Reverendo Cónego António Macedo, pelo que não foi possível estudá-lo. Daí a des-

onde se encontram actualmente. O machado "partido" confere com o que estudámos, sem cabeção, excluindo-se assim o de Afife, referido por L. Monteagudo como sendo deste local e que se encontra também neste Museu.

Em relação ao machado n.º 2 refere ser, nessa altura, possuidor do mesmo o "Sr. Daniel Maciel, professor de Vila Praia de Âncora" (NUNES 1957, 198). Com isto confirma os dados do seu achamento, além de referir que teria sido adquirido, em Junho de 1955, pelo citado senhor a Francisco José Barreiro, aposentado das Finanças, a quem o empreiteiro das obras da estrada tinha "cedido" o machado.

L. Quintas Neves faz uma referência muito breve a estes achados, citando o anterior autor (NEVES 1969, 276).

(7) João de Castro Nunes, que publicou o machado n.º 12, refere-se-lhes dizendo tratar-se de uma conjunto de três, "um dos quais partido" (1957, 199), estando dois na posse do padre de Padornelo, cujos herdeiros os cederam ao Museu Pio XII,

crição apresentada ser baseada nos dados e gravuras publicados.

Bibliografia: NUNES 1957, 198; NEVES 1969, 276; MONTEAGUDO 1977, 167, n.º 993; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 13 (Est. VIII, Fotos 12 e 13)

Tipo: 29 B.

Dimensões: Comprimento: com cabeção: 24,7; sem cabeção: 20,5;

Largura: cabeção: 4,1; talão: 2,7; aletas: 6; gume: 4,8; anéis: 0,9;

Espessura: cabeção: 5; talão: 2,9; espera do talão: 4; lâmina: 0,6; anéis: 1,2.

Peso: 1,250 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo com três sulcos (2 mm de largura) que parecem ser coevos. A lâmina tem nervuras laterais, muito pouco pronunciadas, em ambas as faces.

Talão com ressalto médio muito elevado, espessado, assimétrico e de cantos arredondados, continuando em abas laterais. As dimensões do talão são variáveis, crescendo desde o cabeção até à espera o que não é comum neste tipo. Espera do talão de secção sub-circular.

Anéis de secção semicircular.

Conserva o cone de fundição e as rebarbas.

Estado de conservação: Bom.

Depósito: Museu Pio XII, em Braga.

Observações: Pertenceu ao "espólio do Padre Clemente Lourenço de Insalde de Coura" como refere um cartão que acompanha os machados deste local.

Bibliografia: NUNES 1957, 198; NEVES 1969, 276; MONTEAGUDO 1977, 170, n.º 1036; SILVA 1986, Qd. 4 e SILVA 1994.

N.º 14 (Est. VIII, Foto 14)

Tipo: 38 B.

Dimensões: Comprimento: sem cabeção: 19,3; Largura: cabeção: (?); talão: 2,5; aletas: 6,2; gume: 4,3; anéis: 0,7 e 0,9;

Espessura: cabeção: (?); talão: 2,1; espera do talão: 3,6, lâmina : 0,9; anéis: 1,2.

Peso: 1,000 Kg.

Descrição: Machado de talão, biface, de duplo anel.

Lâmina estreita, de gume alargado, curvilíneo com os cantos danificados. A lâmina possui nervuras laterais, muito pouco pronunciadas, em

ambas as faces. Possui ainda dois sulcos centrais (tendo entre eles o negativo de uma bolha de ar) que se prolongam até meio da lâmina.

Talão com ressalto médio bastante elevado, espessado e de cantos angulosos, continuando em abas laterais em ambas as faces.

Anéis de secção semicircular, de grande dimensão (diâmetro externo de 4,5 e interno de 2,3 cm) e polidos, aliás como toda a peça, que possui raros vestígios de rebarbas. Estas foram rebatidas e desbastadas, tal como o gume que indica vestígios de uso e não possui cabeção. A confirmar-se este facto, seria o único machado a apresentar vestígios de utilização, nesta área.

Estado de conservação: Bom.

Depósito: Museu Pio XII, em Braga.

Bibliografia: SILVA 1994.

6. TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Apresentamos o tratamento estatístico destes materiais em quadros sinópticos (Quadro II e III) e gráficos de barras (Gráficos 1 a 4), de forma a permitir uma visualização rápida e precisa dos dados obtidos.

Distribuem-se por três núcleos e por quatro grupos. Assim, temos em Cristelo três exemplares todos pertencentes ao mesmo grupo - o 29A. No entanto, dado que dois deles se encontram incompletos, não nos é permitido um tratamento preciso.

Provenientes do lugar do Castelo teríamos 14 exemplares, dos quais apenas conseguimos localizar oito. Estes distribuem-se por três grupos: quatro no tipo 29A, três no 29B e um no 29C, este último esteticamente mais elaborado. Quanto aos outros, não possuímos elementos para classificá-los.

O grupo das Cabeludas é muito heterogéneo, quer nos tipos, quer nos pesos e dimensões. Um deles pertence ao tipo 29A, outro ao 29B e outro ao 38B.

O machado n.º 14, apesar de apresentar grandes semelhanças com os do grupo 35 B (nomeadamente os n.ºs. 1327 e 1328 - L. Monteagudo) e do grupo 37 D (cujo fóssil director mais caracterizador é um exemplar da Corunha - n.º 1399 - segundo o mesmo autor), foi por nós inserido no Grupo 38 B, tendo como paralelo mais próximo e único na área portuguesa o n.º 1449, da mesma tipologia, que apareceu no

Monte do Sino (freguesia de S. Jorge, concelho de Guimarães e cronologicamente atribuído entre 1100 e 1000 a.C.). Deste grupo existem apenas nove na Península Ibérica.

Como apenas o "grupo do Castelo" possui uma amostra passível de ser tratada estatisticamente, dado possuir maior quantidade de exemplares, vamos referi-los em particular, tanto mais que em relação aos seus congéneres, do grupo 29, são muito semelhantes.

Assim, os exemplares do "grupo do Castelo" pertencentes ao 29A oscilam entre 23,3 e 27,3 cm e 1025 e 1275 gramas de peso. A média situa-se respectivamente nos 24,9 cm e 1137,5 gramas. Ao analisarmos os seus tamanhos, se exceptuarmos o caso do nº 7, de grandes proporções, verificámos a existência de bastante regularidade. Contudo, o seu peso é pouco similar.

Os materiais do grupo 29B oscilam entre os 23,3 e 24,4 centímetros de comprimento e as 1200 e 1250 gramas em peso. A média situa-se respectivamente nos 24,06 cm e 1225 gramas. Em suma, é um grupo mais homogéneo.

Na generalidade dos exemplares da bacia superior do rio Coura, pertencentes ao Grupo 29 A, o seu comprimento varia entre os 23,1 e 27,3 centímetros, com cabeção, e 19,3 e 23,3, medidos até ao final do talão. O seu peso oscila entre as 1025 e 1275 gramas, evidentemente em relação aos machados completos e com bolo de fundição.

O tipo 29 A possui, então, em média, 20,64 cm de comprimento e 1107 gramas de peso.

Em relação ao tipo 29B, este apresenta medidas entre os 23,3 e 24,7 cm, com uma média de 24,2. O seu peso oscila entre as 1200 e 1250 gramas, com a média a bater nas 1218 gramas.

O tipo 29 C apenas apresenta um exemplar com 23,4 centímetros de comprimento e 1175 gramas de peso, posicionando-se na zona intermédia entre o grupo A e o B.

O grupo 38B também apresenta apenas um exemplar, sem cabeção, com 19,3 cm de comprimento e 1000 gramas. Evidentemente não permite analogias.

O tratamento estatístico das peças fornece-nos algumas conclusões algo díspares. Se fizermos uma análise genérica do grupo de catorze machados localizados na bacia superior do rio Coura, temos o grupo 29A como o mais

leve e de menores dimensões, enquanto o grupo 29B se apresenta mais pesado e com maiores proporções.

No entanto, uma análise particular ao grupo de maiores dimensões, o do Castelo, e por isso a permitir uma análise com maior rigor, demonstramos ser o grupo 29A o mais leve mas, simultaneamente, o de maiores dimensões, devido ao referido caso do machado n.º 7, enquanto que o grupo 29B aparece-nos com menores proporções, apesar de continuar a ser o mais pesado.

No geral, o seu estado de conservação é bom, faltando o talão e o cabeção apenas a dois e o cabeção a um.

7. PARALELOS

Em termos de distribuição geográfica dos paralelos destes tipos de machados, podemos referenciar, em relação ao grupo majoritário e segundo a tipologia de L. Monteagudo (que temos vindo a citar), que o grupo 29, referente ao Minho, apresenta uma grande variabilidade de formas, incluindo ainda subdivisões em cada sub-grupo. Dentro deste grupo a variante 29A é a que possui maior representatividade, existindo raros exemplares (três) abaixo do rio Douro e igual quantidade em Trás-os-Montes, cinco no Douro Litoral e a maior representação no Minho, com 21 exemplares. Merece ser realçada a área por nós estudada, que se destaca, face a todas as demais, por possuir sete exemplares. Na Galiza foram encontrados 10, sendo a maior concentração na província de Lugo.

O tipo 29B apresenta dois representantes na Beira Interior, tal como em Trás-os-Montes. Em relação ao maior grupo trata-se do volumoso achado detectado em S. Martinho de Bougado (Santo Tirso - 1888), um "esconderijo de fundidor" com trinta exemplares, dos quais cinco pertencem a este grupo. A maior incidência verifica-se também no Minho e igualmente tendo a maior representatividade nesta área e na pertencente ao actual concelho de Monção. A Galiza apenas possui cinco exemplares.

O Tipo C apresenta uma grande dispersão mas com muito pouca representatividade, existindo raros exemplares deste tipo. Contudo, o Minho continua a apresentar a maior concentração.

Destaca-se neste levantamento a representatividade dos achados da bacia superior do rio Coura ⁽⁸⁾, sendo em relação à variante 29A e B a área com maior incidência de todos os achados destes tipos de espólio, apontando, talvez, para uma zona de fabrico, com um foco regional relativamente desenvolvido.

O tipo 29C é bastante raro, tal como o 38B, mas também aqui é representado com um exemplar para cada. A maior concentração deste tipo (38B) situa-se nas províncias de Pontevedra e Corunha, daí designar-se o Grupo 38 B por *Tipo de Redondela* (localidade de Pontevedra).

8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os materiais estudados evidenciam um desenvolvimento da metalurgia do bronze típico desta época e um trabalho na maioria dos casos regional.

Cronologicamente são atribuídos ao Bronze Final. L. Monteagudo refere-os como pertencendo a um "Bronze Tardio" (1977, 173) e A. C. Silva, mais específico, atribui-os ao Bronze Final III, correspondendo já à Fase I A da Idade do Ferro (900 a 700/650 a. C. - SILVA 1986).

Ao machado com o número 14, do tipo 38B, pode-se-lhe, apenas por analogia, atribuir uma cronologia entre 1100 e 1000 a.C..

Pela análise dos materiais e do Quadro II constata-se a existência em todos (excepto num dos casos) do cone de fundição e das rebarbas, o que nos indica a sua não utilização.

No seguimento de outros autores (MARQUES 1987, 84), questionamo-nos sobre o conceito de "esconderijo de fundidor". Seriam antes objectos com fim comercial, de troca, como que de uma moeda se tratassem.

Parece-nos que as teorias que ligam a funcionalidade destes materiais ao aumento da população e ao necessário abate de árvores, para o aumento dos locais de cultivo e pastorícia, típico dos fins da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro, não terá razão de ser. A fra-

gilidade destas peças e a sua não utilização assim o parece comprovar.

A ausência de estruturas de actividade metalúrgica é também nesta área uma realidade.

A sua ocultação junto a povoados fortificados ou nas suas zonas limítrofes igualmente se confirma aqui, tal como acontece com os achados do concelho de Monção, entre outros do Alto Minho.

Os povoados abertos do Bronze Final continuam por descobrir, talvez porque os locais escolhidos fossem os mesmos dos povoados "castrejos" que se lhes sucederam. Assim, devido à falta de escavações nesta área da bacia superior do rio Coura e à sua escassez no Alto Minho, os achados dos níveis estratigráficos pertencentes a esta época estão, muito possivelmente, por encontrar, excepto em casos esporádicos, como no Coto da Pena, em Caminha, ou na Sr.^a da Graça, em Monção.

As nossas recentes escavações feitas nas Cidades de Romarigães e de Cossourado, embora ainda numa fase inicial, não nos apresentaram até ao momento espólio francamente caracterizador desta época.

De facto, as formas de povoamento, a estrutura social, económica e mental desta "população silenciosa" continua a criar-nos muitas dúvidas interpretativas, pelo que apenas podemos fazer conjecturas, como as que se seguem.

Os locais onde surgiram os machados em estudo encontram-se geomorfologicamente implantados, segundo os estudos actuais, em áreas com óptimas potencialidades económicas. Assim, o acesso aos recursos naturais (solos para a agricultura e pastagem, recursos hídricos e minerais, nomeadamente o granito e as argilas) seria relativamente fácil.

A prática da caça e da pesca não seria muito difícil, quer pela proximidade do rio, quer pela proximidade da montanha. Tal situação não só permitiria a transumância de gados, como ainda a obtenção de recursos naturais (madeira e caça, que ainda hoje perdura).

A matéria-prima para elaboração destes achados não seria de difícil acessibilidade, dada a relativa abundância de estanho e cassiterite nas redondezas.

O tipo de fabrico seguiria os métodos habituais, em moldes feitos em barro e utilizando o método da cera perdida, como é confirmado pelas rebarbas laterais e pelas assimetrias de

(8) Representatividade essa que seria muito mais elevada, se tivesse sido possível o estudo de todos os machados que, ao longo dos tempos, foram encontrados nesta área, nomeadamente o conjunto do Castelo, que de 14 apenas encontramos 8.

algumas peças, em resultado do desajustamento das valvas (MOHEN 1978). Aliás, têm sido detectados vários moldes deste tipo, como, por exemplo, no depósito de Baiões (SILVA 1986).

Podemos, assim, concluir da riqueza dos achados do Bronze Atlântico nesta área e da separação tipológica dos machados da zona do Alto Minho (margem portuguesa do rio Minho)

em relação às zonas mais para sul das margens do Lima e para o interior. Como relata o monografista do concelho, Narcizo A. Cunha, referindo-se ao fabrico dos machados, "(...) não pode duvidar-se de que esta indústria atingiu notável desenvolvimento, como denuncia a correcção e até certa elegância dos seus produtos" (CUNHA 1909 [1979], 127).

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977). El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura. *Biblioteca Praehistorica Hispana*, 14, Madrid.
- (1986). Bronce Final y Edad del Hierro. La Formación de las etnias y culturas preromanas. *Historia de España*, 1, *Prehistoria*, Ed. Gredos, Madrid, 341-552.
- ARRIBAS, A. e Fernando Mollina. (1984). Estado actual de la investigación del Megalitismo en la Península Ibérica. *Scripta Praehistorica*, Salamanca, 63-112.
- BLANCE, B. (1961). Early Bronze Age colonists in Iberia. *Antiquity*, 35, 192-202.
- BOSCH-GIMPERA, P. (1932). *Etnología de la Península Ibérica*. Barcelona.
- BUTZER, Karl W. (1989). *Arqueología una ecología del hombre: Método y teoría para un enfoque contextual*. Barcelona.
- COFFYN, A. (1983). La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*, 1, 169-198.
- (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Diffusion du Bocard, Paris.
- CORREIA, J. (1957). *Cidades e Vilas de Portugal: Paredes de Coura*. V. N. de Famalicão.
- COLES, J. M. e A. F. Hardind. (1979). *The Bronze Age in Europe*. Methuen, London.
- CUNHA, N. C. A. (1909). *No Alto Minho. Paredes de Coura*. 1ª Ed., Paredes de Coura, (2ª Ed., Braga, 1979).
- EVANS, J. D. (1951). Algunas espadas tipo oeste europeo en el Bronce II español. *II Congresso Nacional de Arqueologia*, 181-184.
- FERNÁNDEZ MANZANO, J. (1986). Bronce Final en la Meseta Norte Española: El utilaje metálico. Soria.
- HARBISON, P. (1967). Mediterranean and Atlantic Elements in the Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia, *Madrid Mitteilungen*, 8, Madrid, 100-122.
- HARRISON, R. (1977). *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge.
- (1974). Ireland and Spain in the Early Bronze Age - fresh evidence for Irish and British contacts with the proto-atlantic Bronze Age in Spain in the second millenium B.C.. *Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland*, 104, 52-73.
- HAWKES, C. F. (1952). Las relaciones en el Bronce Final entre la P. Ibérica y las Islas Británicas con respecto a Francia y la Europa central y mediterranea. *Ampurias*, 14, Barcelona, 81-119.
- JORGE, S. O. (1980). A estação arqueológica do Tapado da Caldeira - Baião. *Portugália*, 1, 29-50.
- (1985). Datas de carbono 14 para a Pré-História recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas. *Arqueologia*, 12, 154-183.
- (1985a). Povoados da Pré-História Recente do Norte de Portugal: resultados e problemas das escavações dos últimos anos. *Revista de História*, 2, Porto, 297-306.
- (1986). *Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves-V.P. de Aguiar: Bases para o conhecimento do III e princípios do II milénios a.C. no norte de Portugal*. 3 vols., Porto.
- (1988). *O Povoado da Bouça do Frade no Quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. G.E.A.P., Monografias Arqueológicas, 2, Porto.
- (1990). Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia. e Complexificação das sociedades e sua inserção na vasta rede de intercâmbios. *Nova História de Portugal*, I (dir. J. de Alarcão), Lisboa, Ed. Presença, 162-212 e 213-251.
- (1991). Habitats du Néolithique et du Chalcolithique du Nord du Portugal (IVe.-IIe mill. av. J.C). *Revista de História*, 9, Porto, 261-268.
- JORGE, V. Oliveira. (1990). *Arqueologia em Construção - Ensaio*. Lisboa.
- KALB, P. (1979). Contribución para el estudio de Bronce Atlántico. Excavaciones en el Castro "Senhora da Guia" de Baiões. *XV Congresso Nacional de Arqueologia*, Zaragoza, 581-604.
- (1980). Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*, 58, 1980, 25-115.
- (1980a). O Bronce Atlântico em Portugal. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 1, 113-120.
- LOURIDO, C. e Sierra Rodriguez. (1983). As orixenes do castrexo no Bronce Final. *Estudos de Cultura Castrexa e de H. Antiga de Galicia*, S. Compostela, 19-85.
- MAC WHITE, E. (1951). *Estudios sobre las relaciones atlánticas en la Península Hispánica en la Edad del Bronce*. Madrid.
- MARQUES, J. M. (1984). Inventário arqueológico do concelho de Monção: estado da questão. *Revista de História*, 1, 73-110.

- (1987). Assentamentos Castrejos no concelho de Monção. *Revista Ciências Históricas*, II, Porto, 77-120.
- MARTINS, M. (1988). A Arqueologia dos Castros do Norte de Portugal: Balanço e perspectivas de investigação. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, 3-4, Porto, 11-36.
- (1990). O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado. *Cadernos de Arqueologia*, Monografias, Braga.
- MOHEN, J. P. (1978). *Moules em bronze de l'âge du Bronze*, Antiles, 10, 23-32.
- MONTEAGUDO, L. (1977). *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel Prahistorische Bronzefunde*. IX, 6, Munique.
- NEVES, L. Quintas. (1969). Achegas para um possível e necessário rol de achados da Idade do Bronze, no distrito de Viana do Castelo. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 21, 273-280.
- NUNES, J. C. (1957). Três nótulas de arqueologia pré-histórica. *Rv. Guimarães*, Guimarães, 67 (1-2), 198-200, gv.4.
- PEREIRA, F. A. (1903). Machados de duplo anel. *O Archeologo Português*, 8, Lisboa, 132-136.
- RÚIZ-GALVEZ PRIEGO, M. (1979). El Bronce Antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización. *Trabajos de Prehistoria*, 36, 152-152.
- (1980). Consideraciones sobre el origen de los puñales de antenas Gallego - Asturianos. *Seminário de Arqueologia do NO Peninsular*, 2, Guimarães, 85-111.
- (1984). *La Península Ibérica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico*, Madrid (tese de dout. polic.).
- (1984a). Reflexiones terminológicas en torno a la Edad del Bronce peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 41, 323-342.
- SANTA-OLLALA, J. M. (1946). *Esquema Paletnológico de la P. Hispanica*. Madrid.
- SAVORY, H. N. (1949). De Atlantic Bronze Age in southwestern europe. *PPS*, 15, 128-155.
- (1951). A Idade do Bronze Atlântico no SW da Europa, *Revista de Guimarães*, 61 (3-4), 323-377 e 455-472.
- (1985). *Espanha e Portugal*. Ed. Verbo, Lisboa.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1983). Ideologia e práticas funerárias no megalitismo das Beiras: a sepultura periférica do quadrante NO da mamoa do dólmen nº1 dos Moinhos de Vento, Arganil. *Rv. Hist. Económica e Social*, 11, 1-10.
- (1983-84). Contribuições arqueométricas para um estudo sócio-cultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do centro e NW de Portugal. *Revista da UNIARCH*, 1, 169-188.
- SILVA, A. C. F. (1986). *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. M.A.C.S., Paços de Ferreira.
- SILVA, A. C. F. et alii. (1984). Depósito de fundidor do Final da Idade do Bronze da Castro da Sª da Guia. *Lucerna, H.D.P.B.*, 73-109.
- SILVA, M. Fátima Matos. (1992). O Castro de Cristelo: apontamentos para o seu estudo. *Cadernos de Arqueologia e Património*, 1, 37-52.
- (1993). O Povoamento na Idade do Bronze, Ferro e Romanização de Paredes de Coura. *Jornal de Notícias (Destacável)*, 8/1, 12.
- (1994). *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação*. Cadernos de Arqueologia e Património - Monografias, 2, Paredes de Coura.
- (1994a). Carta Arqueológica do concelho de Paredes de Coura - uma perspectiva de arqueologia espacial. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (1-2), 477-499.
- TEIXEIRA, C. (1961). *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-c (Caminha, 1962)*. Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa.
- VASCONCELOS, J. L. (1905/1913). *Religiões da Lusitânia*, 3 vols., Lisboa.
- (1906). Bibliographia. *O Archeologo Português*, 1ª Série, 9, 128.
- (1909). Dolmens da Boalhosa (Alto-Minho). *O Archeologo Português*, 1ª Série, 14, 294-296.
- (1910). Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português. *O Archeologo Português*, 15, 31-39.
- VAZQUEZ VARELA, J. M. e J. Cano Pan. (1988). Una perspectiva de la Edad del Bronce. *Trabajos de Prehistoria*, 45, Madrid.
- VIANA, A. (1932). Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho. *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, 1, 11-24.
- VIEIRA, José A. (1886). *O Minho Pittoresco*, I, Lisboa (Valença, 1987, reedição).

QUADRO I - ENQUADRAMENTO DOS VESTÍGIOS DO BRONZE FINAL

Nº	LUGAR	FREGUESIA	GEOLOGIA	Geomorfologia	Hidrografia	Tipo Solo	Altitude	CONTEXTO ARQUEOLÓGICO	TIPOLOGIA	Ocupação
1	S. SEBASTIAO	Cristelo	Granito calco-alcalino de grão grosso	Base de elevação	Abundante Proximidade do Coura	C	495,5	Povoado fortificado de Cristelo - seixos truncados, machados de talão, rebolos, cerâmica (I.F/R), mós giratórias, ara	29 A = 3	BF - F - R
2	CASTELO	Formariz	Granito calco-alcalino de grão grosso	Base de pequena elevação	Abundante Proximidade do Coura	A	290,0	Possível povoado fortificado - machados de talão e cerâmica (I.F/R)	29 A = 4 29 B = 3 29 C = 1	BF - F(?) R(?)
3	CABELUDAS	Insalde	Complexo xisto-migmatítico	Base de elevação	Abundante	A	470,0	Possível povoado da Idade do Bronze - machados de talão	29 A = 1 29 B = 1 38 B = 1	BF

QUADRO II - DESCRIÇÃO DOS MACHADOS DE TALÃO

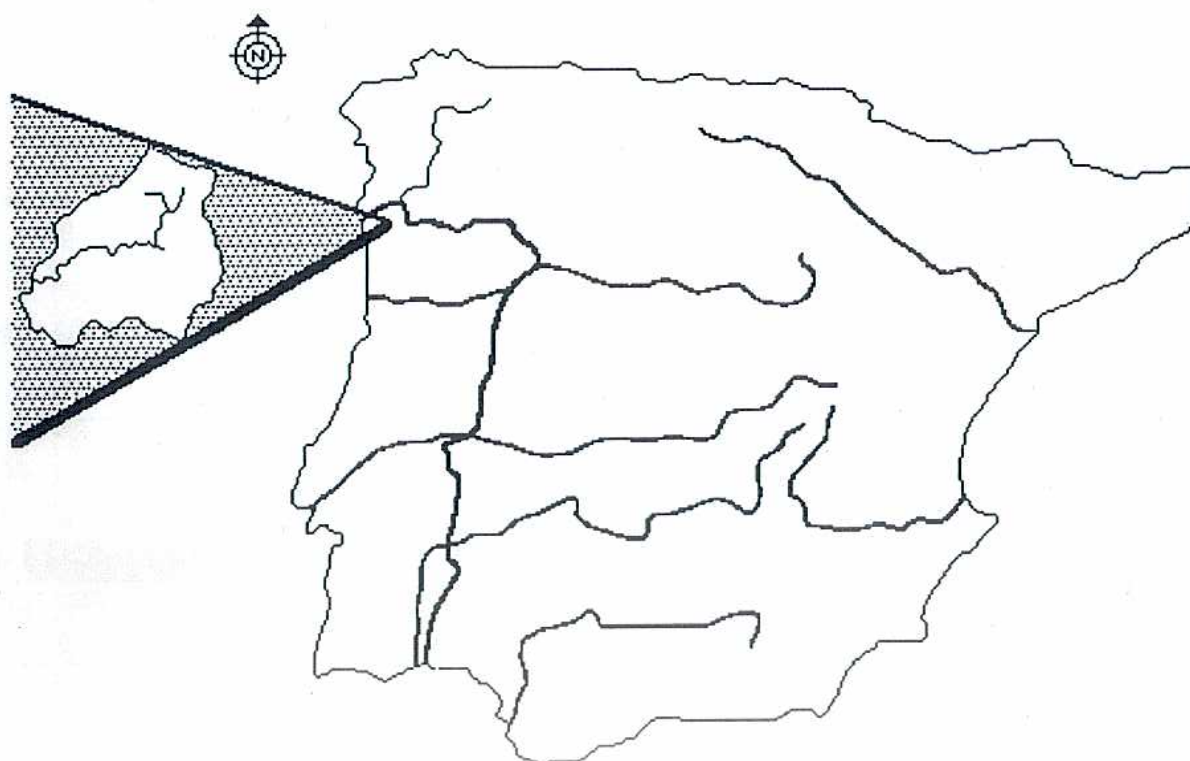
Nº	PROVENIÊNCIA LUGAR FREGUESIA	TIPO	CABEÇAO	BIFACE	ANEIS	COMPRIMENTO (cm)*	PESO (grs.)	CRONOLOGIA	CONSERVAÇÃO	DEPÓSITO
1	S. Sebastião Cristelo	29A	X	X	2	23,1 - 19,9	1200	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
2	S. Sebastião Cristelo	29A	(?)	X	2	24,6 (?) - 19,3	850	B.F III - I.A.I.F	Mau	M.N.A.
3	S. Sebastião Cristelo	29A	(?)	X	2	18,3 (?) - 14,3 (?)	(?)	B.F III - I.A.I.F	(?)	(?)
4	Castelo Formariz	29A	X	X	2	24,4 - 21,0	1100	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
5	Castelo Formariz	29A	X	X	2	23,3 - 21,6	1025	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
6	Castelo Formariz	29A	X	X	2	24,6 - 20,6	1275	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
7	Castelo Formariz	29B	X	X	2	24,4 - 20,5	1225	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
8	Castelo Formariz	29B	X	X	2	23,3 - 20,5	1250	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
9	Castelo Formariz	29C	X	X	2	23,4 - 19,8	1175	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
10	Castelo Formariz	29A	X	X	2	27,3 - 23,3	1150	B.F III - I.A.I.F	Bom	M.N.A.
11	Castelo Formariz	29B	X	X	2	24,5 - 20,3	1200	B.F III - I.A.I.F	Razoável	M.N.A.
12	Cabeludas Insalde	29A	X	X	2	23,5 - 20,5	1150	B.F III - I.A.I.F	(?)	M. PIO XII (?)
13	Cabeludas Insalde	29B	X	X	2	24,7 - 20,5	1250	B.F III - I.A.I.F	Bom	M. PIO XII
14	Cabeludas Insalde	38B	Sem	X	2	(?) - 19,3	1000	1100-1000a.C.(?)	Bom	M. PIO XII

* Com e sem bolo de fundição.

QUADRO III - TRATAMENTO ESTATÍSTICO

GRUPO	COMPRIMENTO MÉDIA (em cm)	PESO MÉDIA (em grs.)	COMPRIMENTO OSCILAÇÃO - com cabeção (em cm)	COMPRIMENTO OSCILAÇÃO - sem cabeção (em cm)	PESO OSCILAÇÃO (em grs.)
29A - CASTELO	24.9	1137.5	23.3 - 27.3	20.6 - 23.3	1025 - 1275
29B - CASTELO	24.06	1225	23.3 - 24.4	20.3 - 20.5	1200 - 1250
29A (Geral)	20.64	1107	23.1 - 27.3	19.3 - 23.3	1025 - 1275
29B (Geral)	24.2	1218	23.3 - 24.7	20.3 - 20.5	1200 - 1250

EST. I



Localização da bacia hidrográfica do rio Coura na Península Ibérica.

Gráfico 1 - Variação por tipo, peso e comprimento

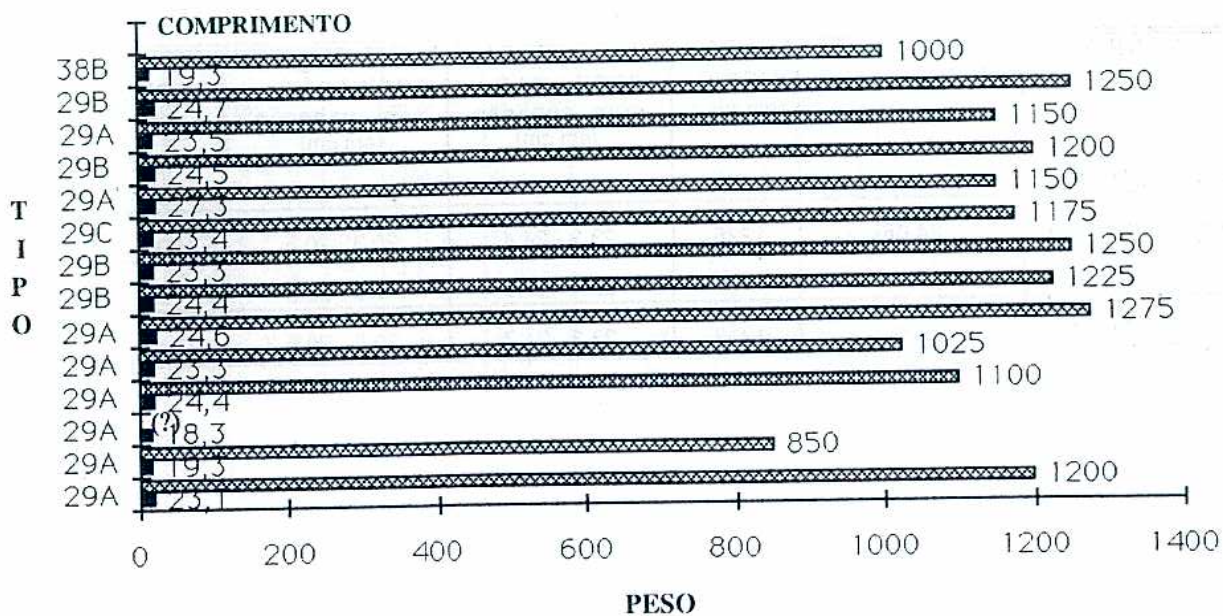


Gráfico 2 - Variação por tipos e locais

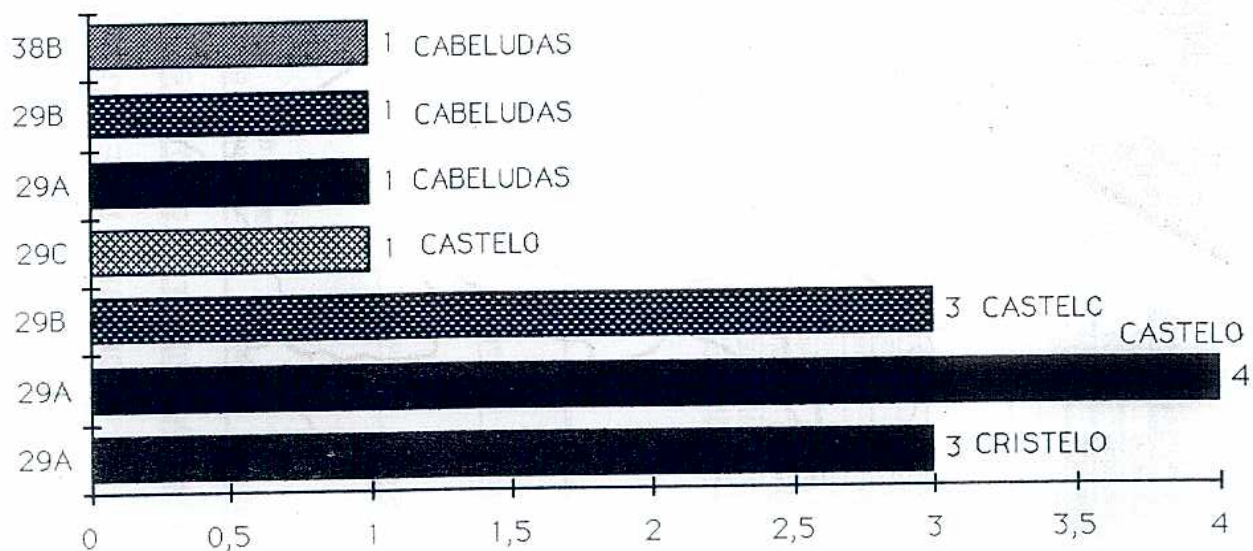


Gráfico 3 - Variação do Tipo 29A por comprimento e peso

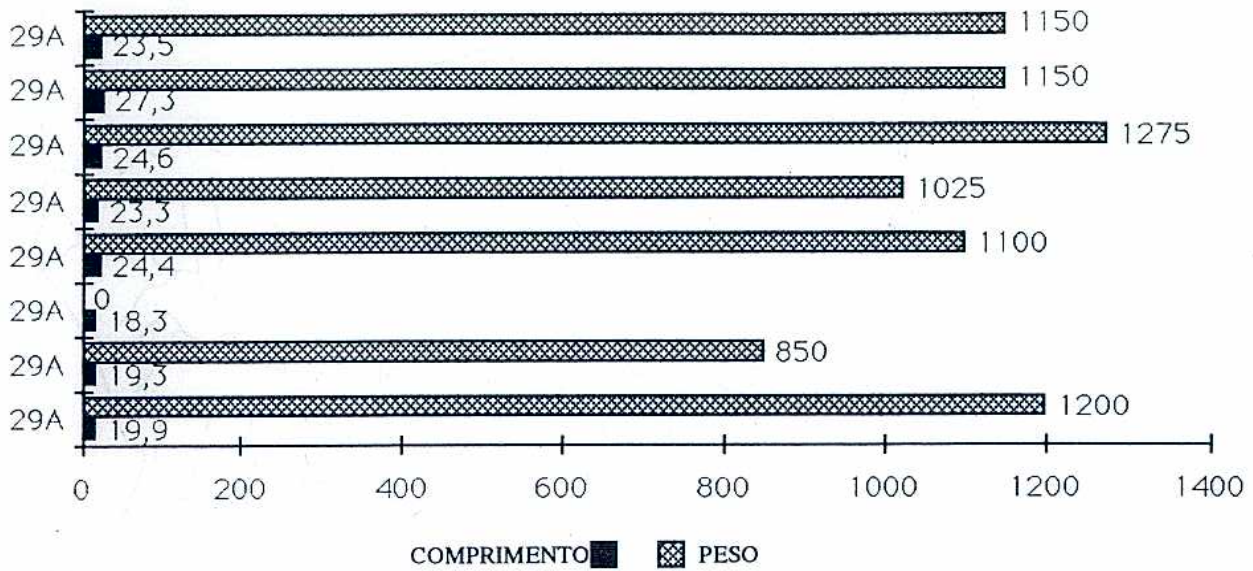
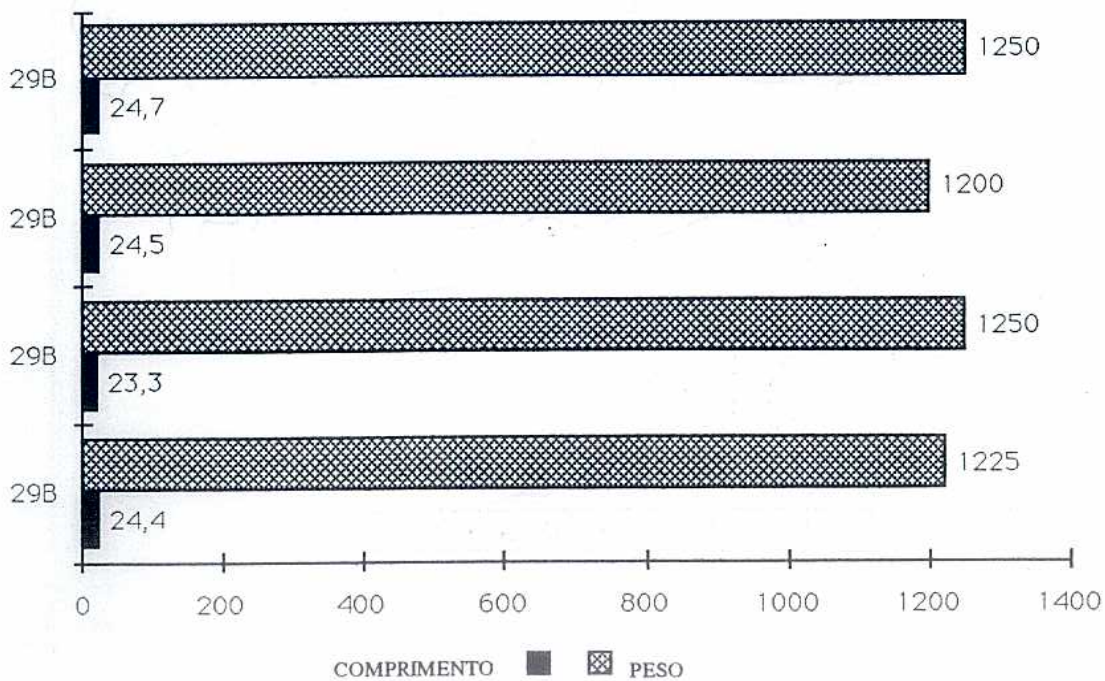
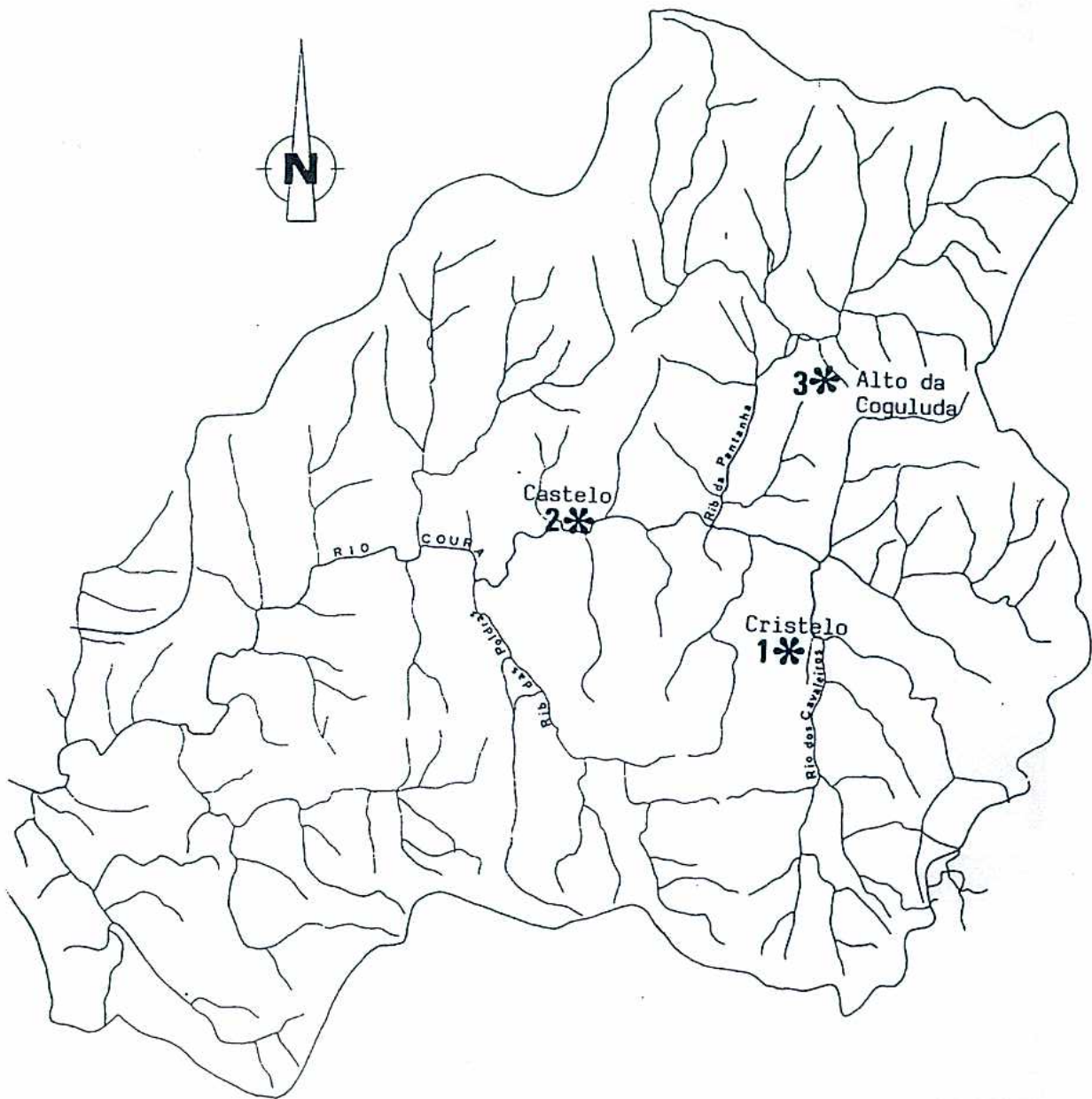
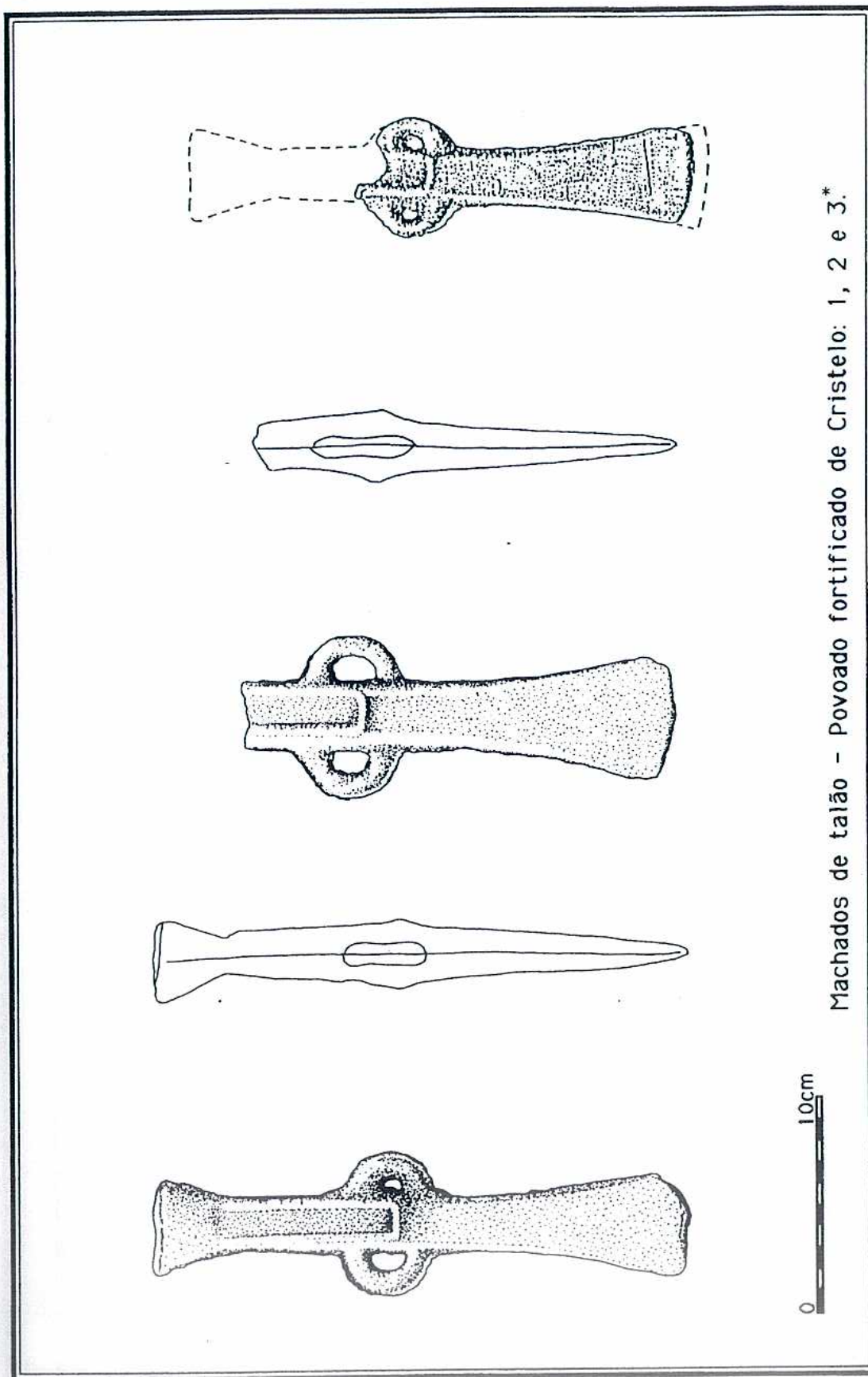


Gráfico 4 - Variação do Tipo 29B por comprimento e peso



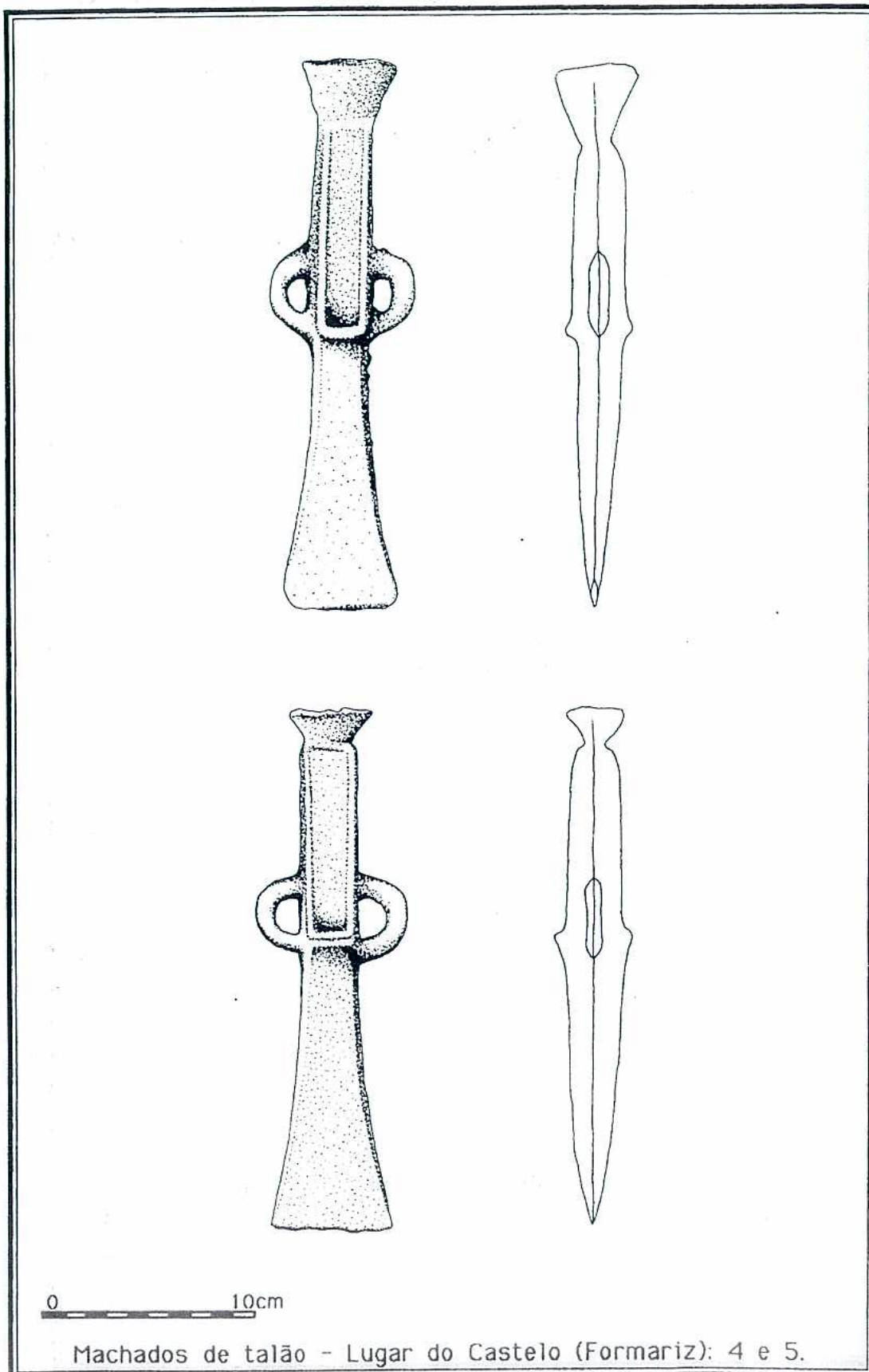


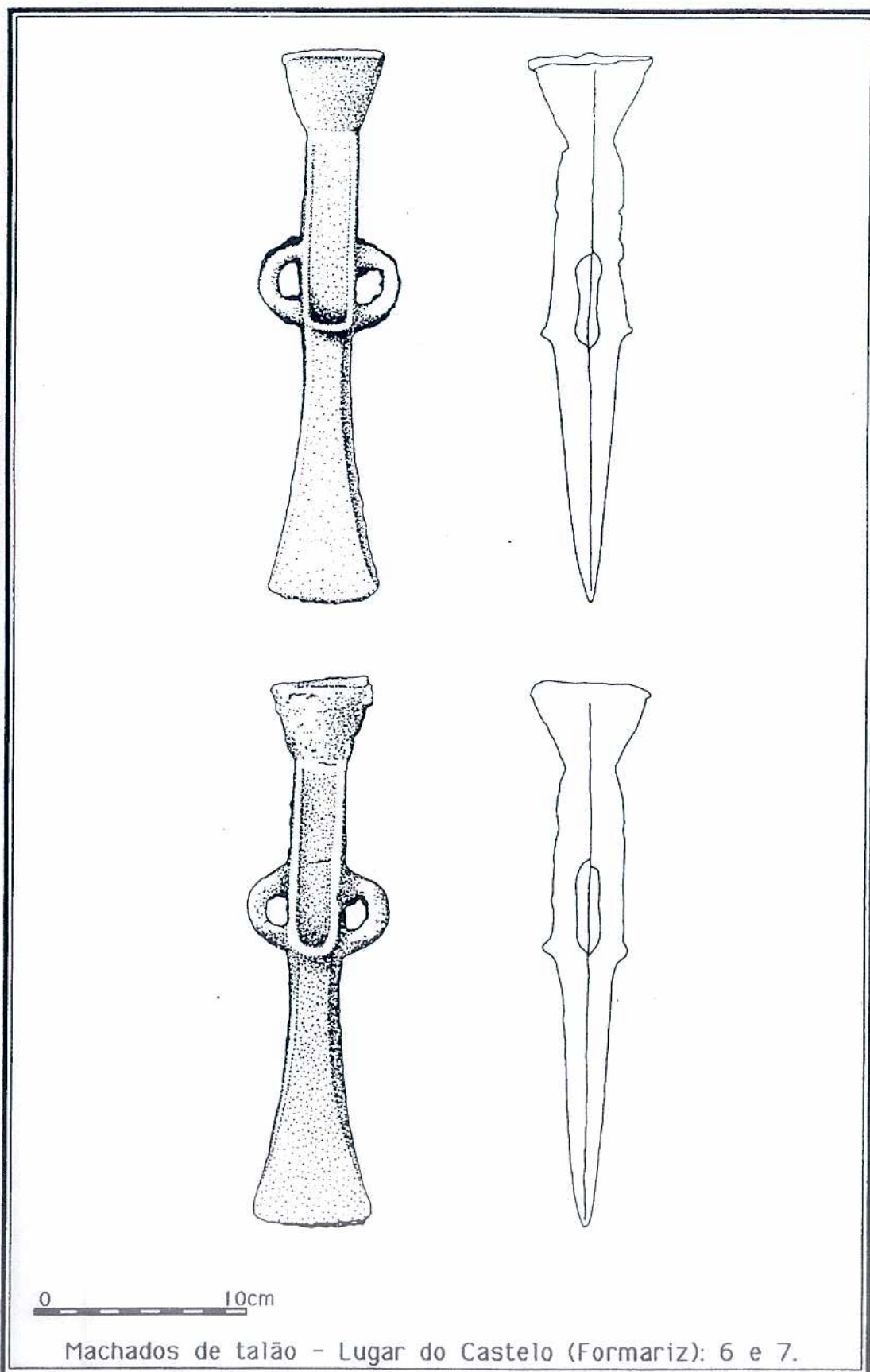
BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO COURA

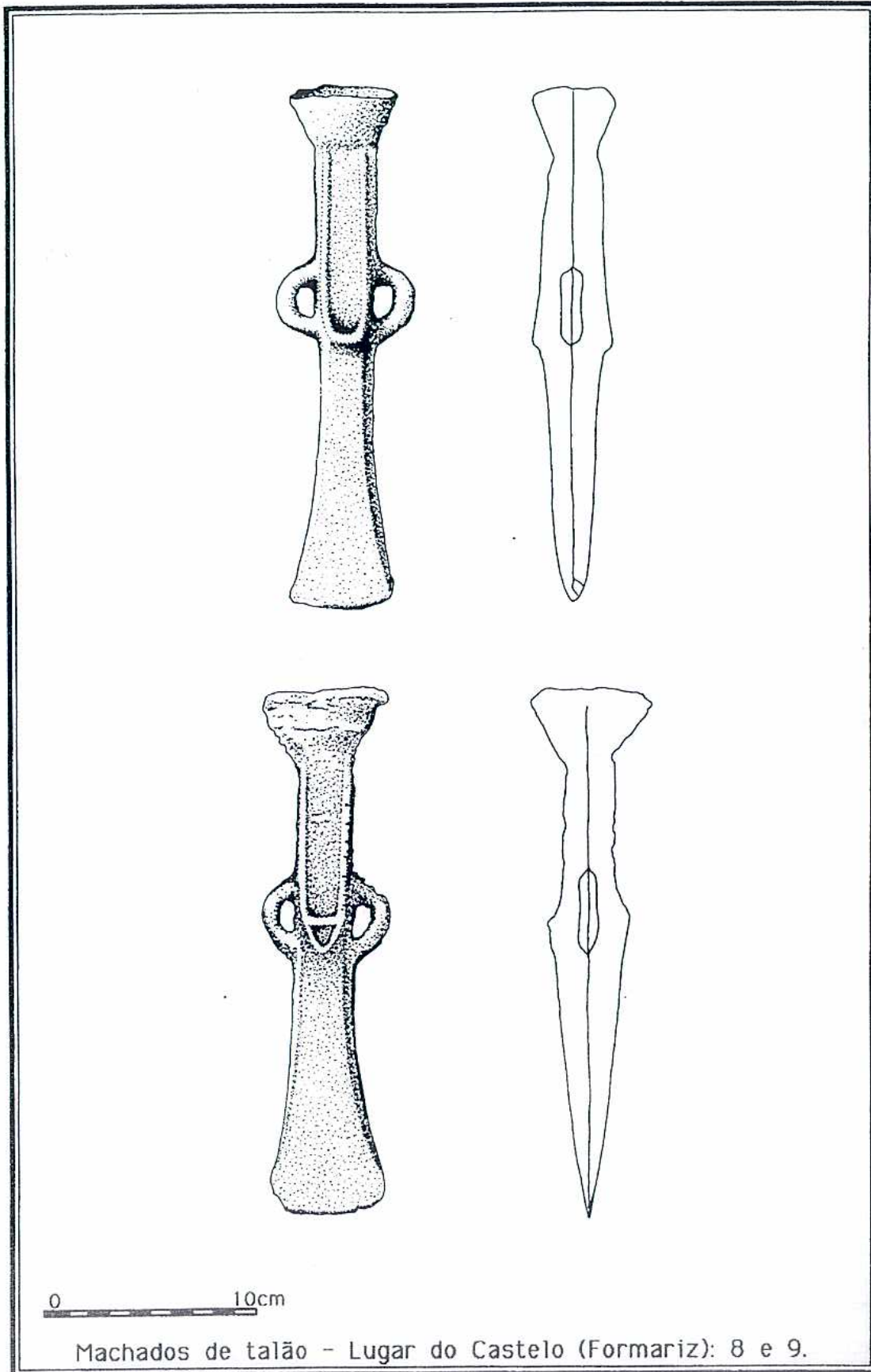


Machados de talão - Povoado fortificado de Cristelo: 1, 2 e 3.*

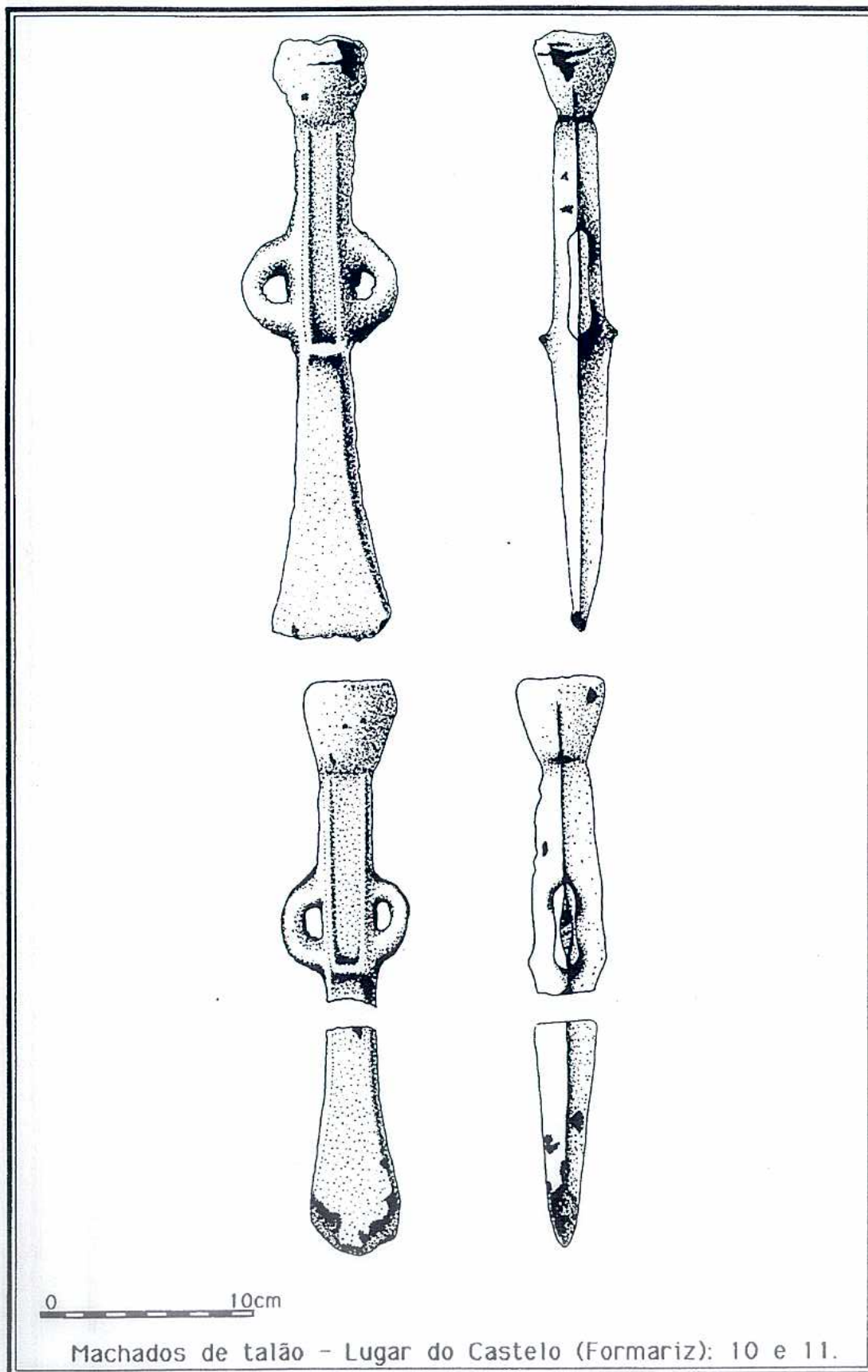
* .Seg. L. Monteagudo (1977).

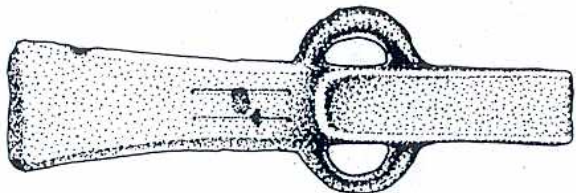
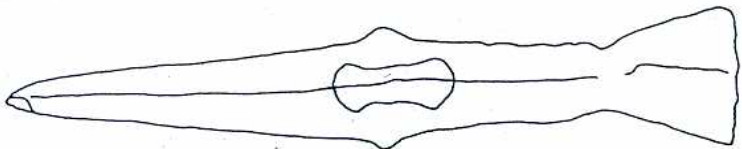
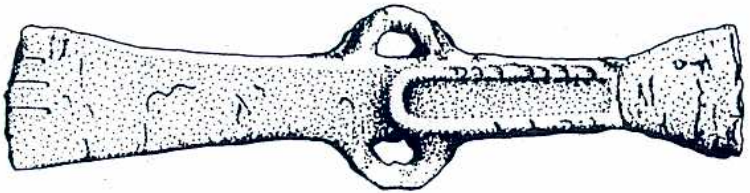
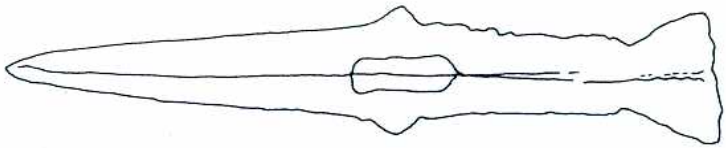
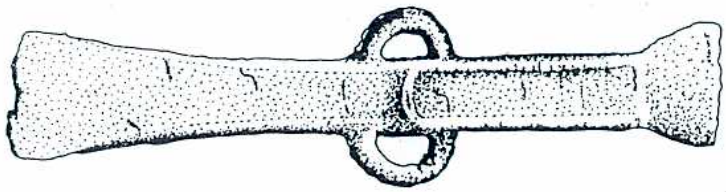






Machados de talão - Lugar do Castelo (Formariz): 8 e 9.





Machados de talão - Cabeludas (Insalde): 12, 13 e 14.



Foto 1 - Povoado fortificado de Cristelo.



Foto 2 - Machado de talão n.º 1 - Cristelo.



Foto 3 - Machado de talão n.º 2 - Cristelo.

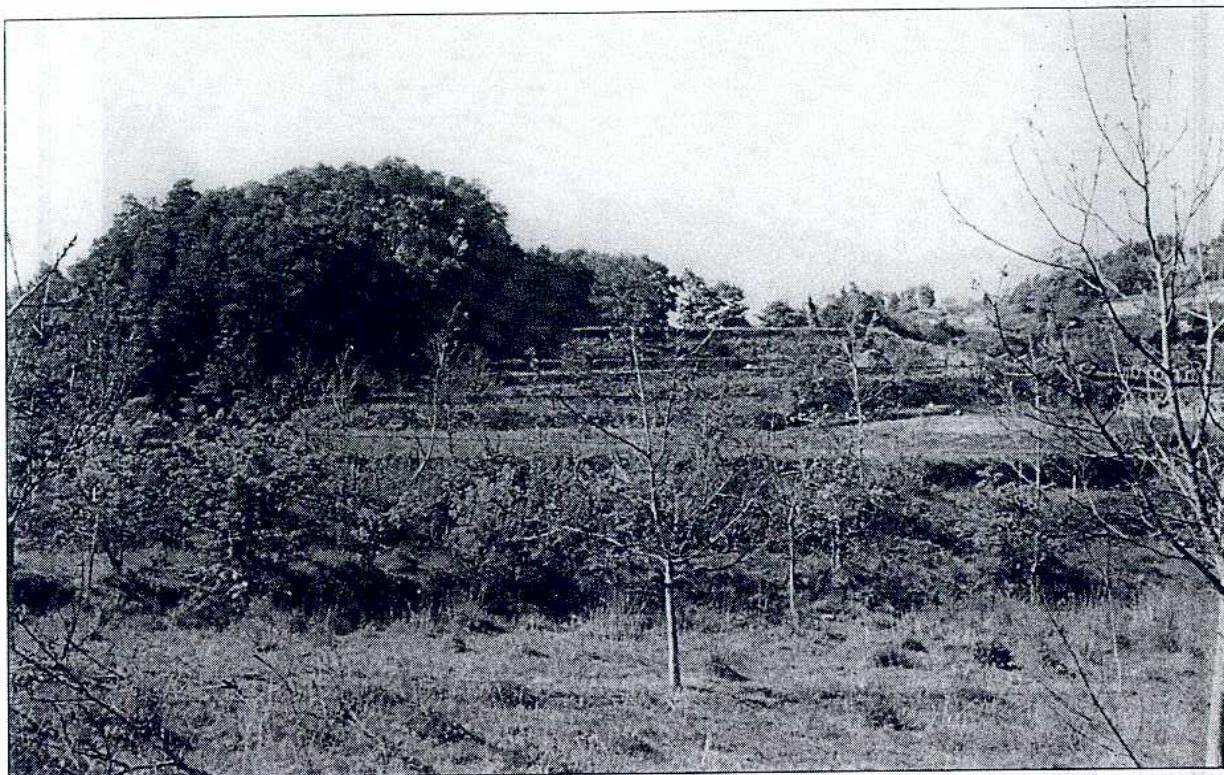


Foto 4 - O possível povoado fortificado do Castelo.

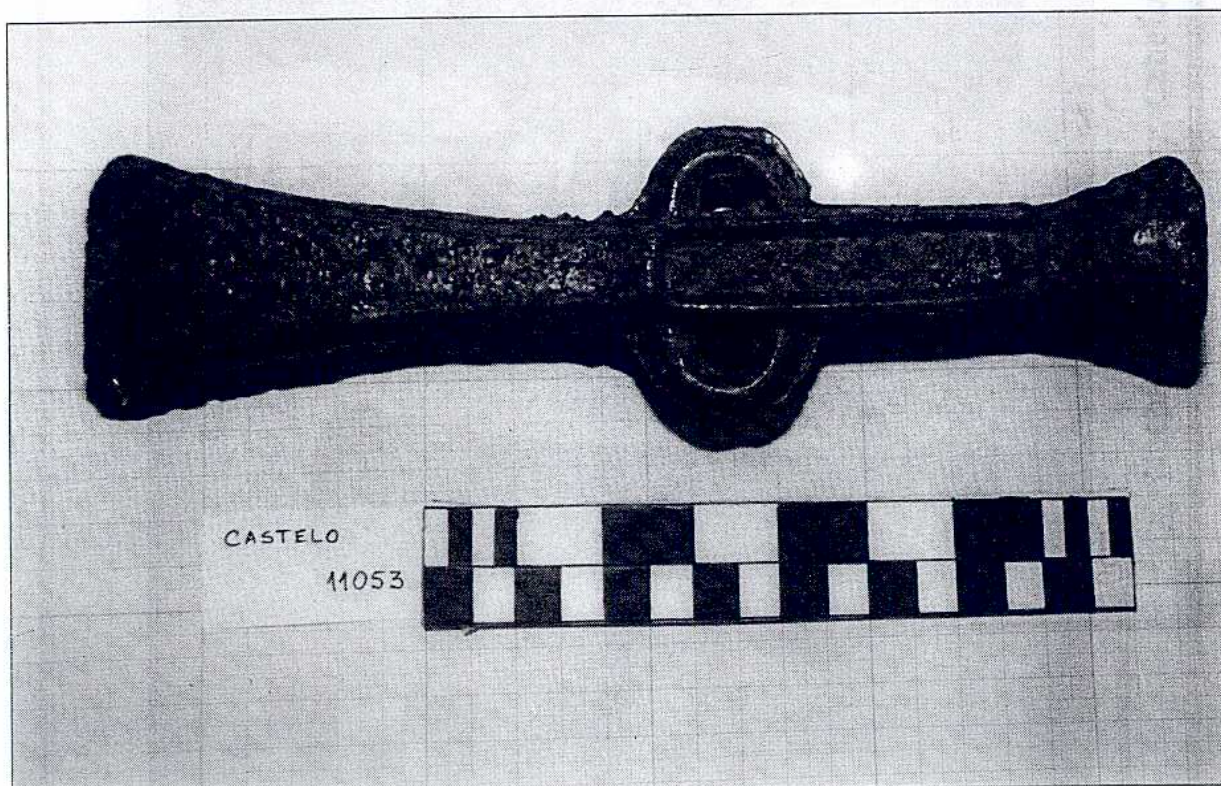


Foto 5 - Machado de talão n.º 4 - Castelo.

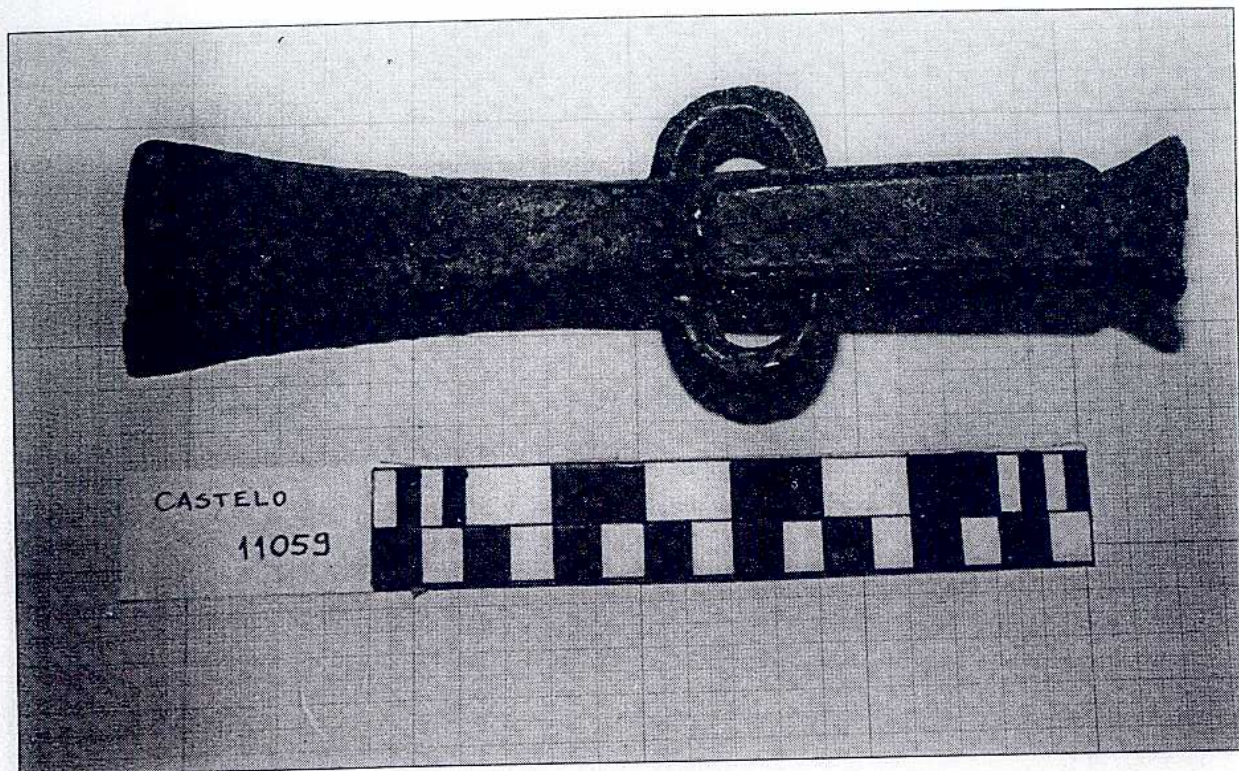


Foto 6 - Machado de talão n.º 5 - Castelo.

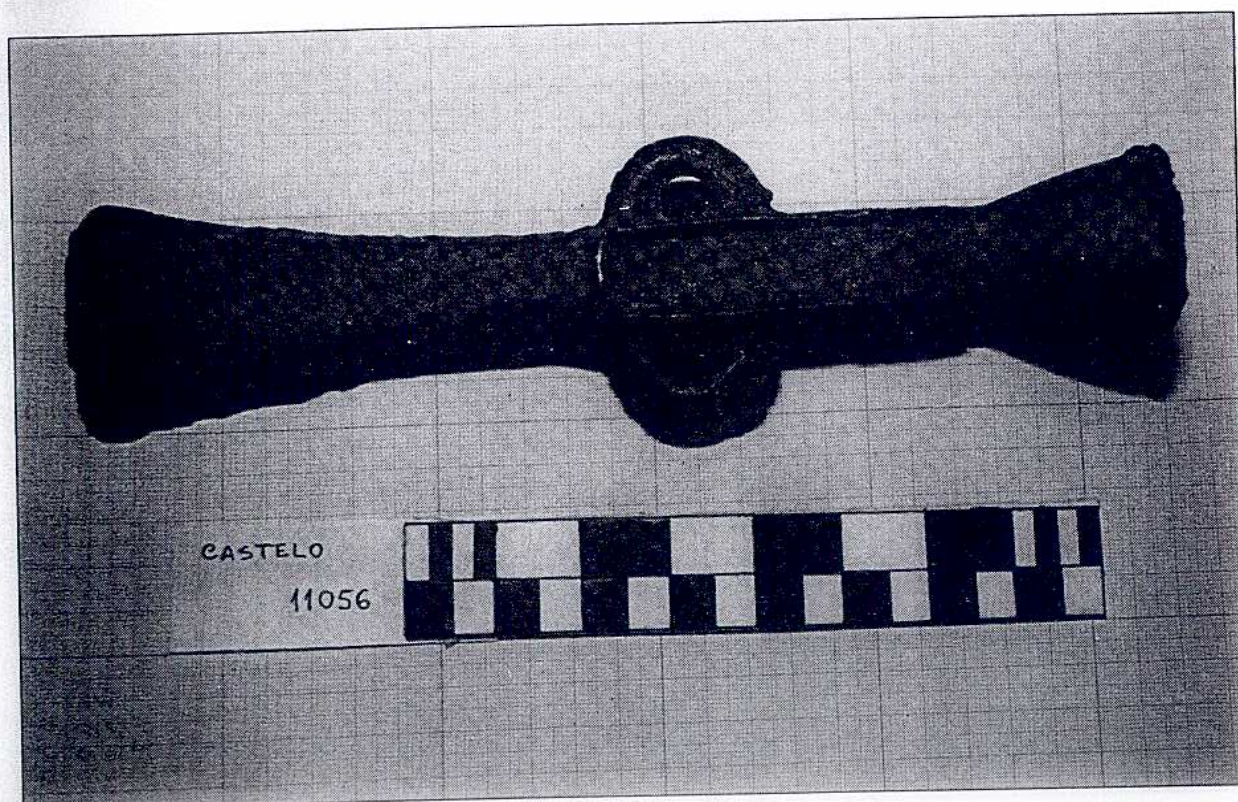


Foto 7 - Machado de talão n.º 6 - Castelo.

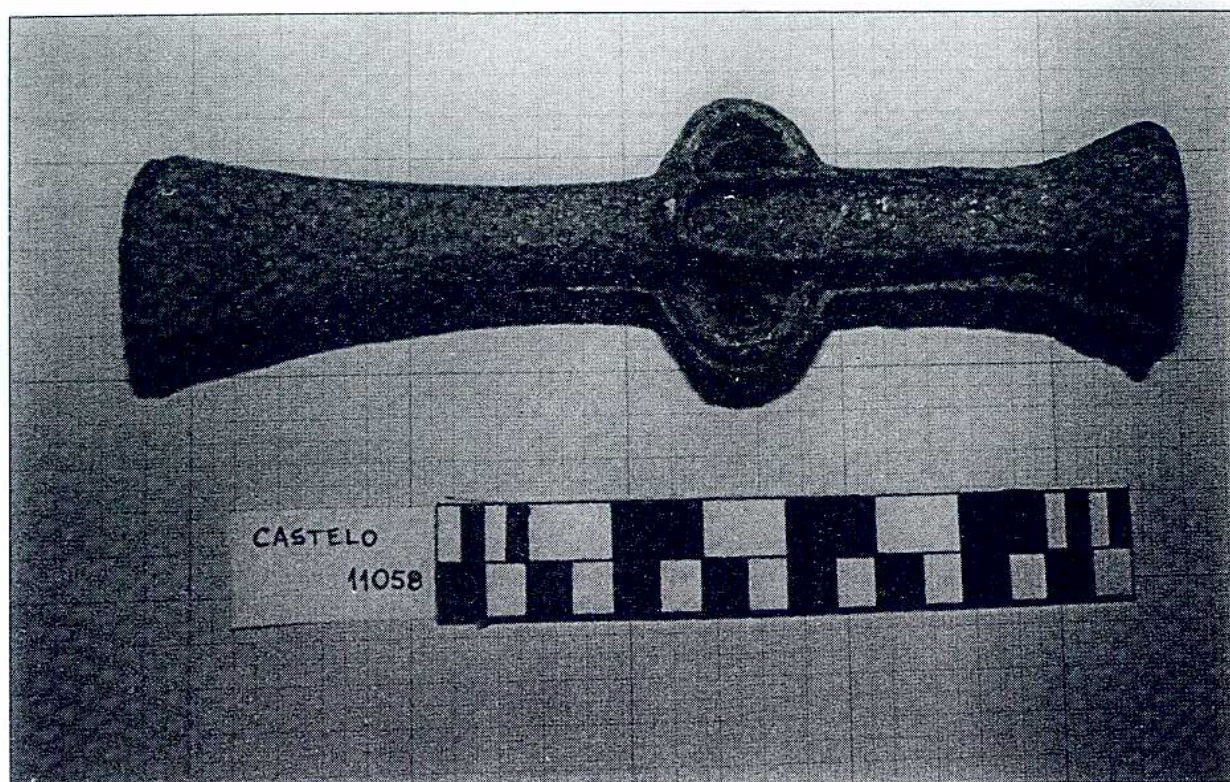


Foto 8 - Machado de talão n.º 8 - Castelo.

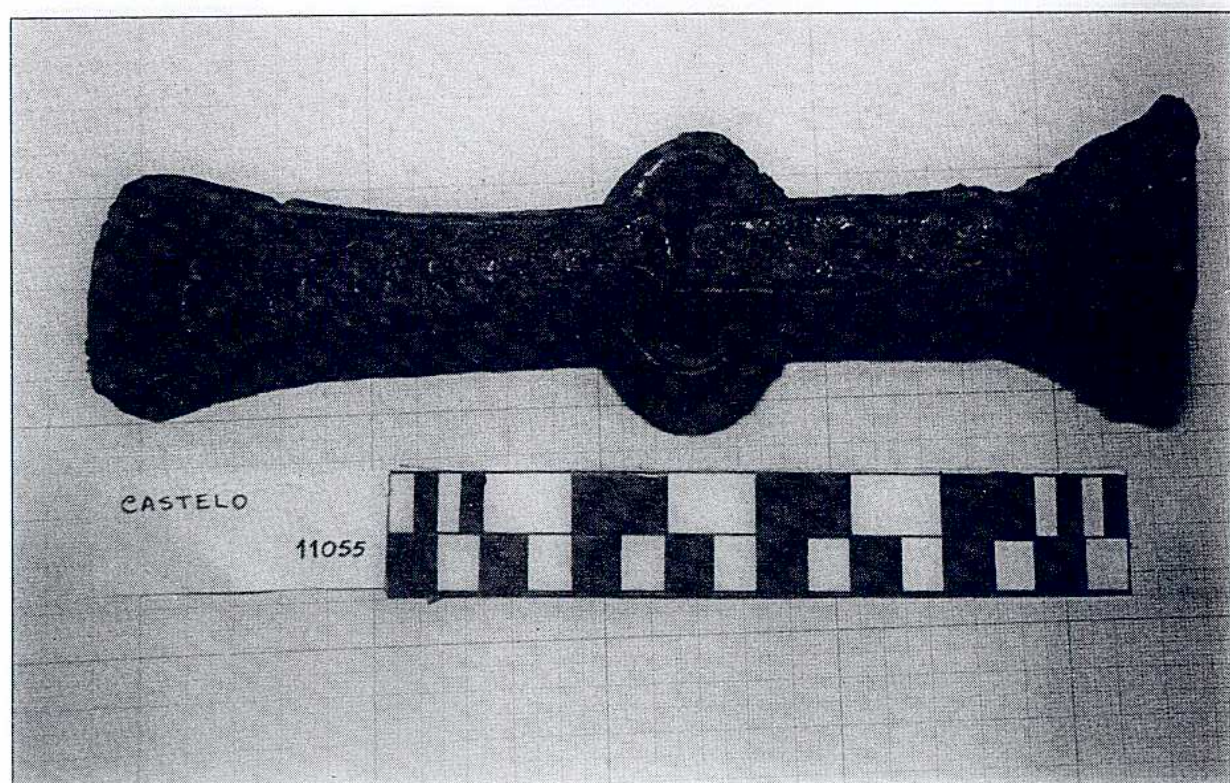


Foto 9 - Machado de talão n.º 9 - Castelo.

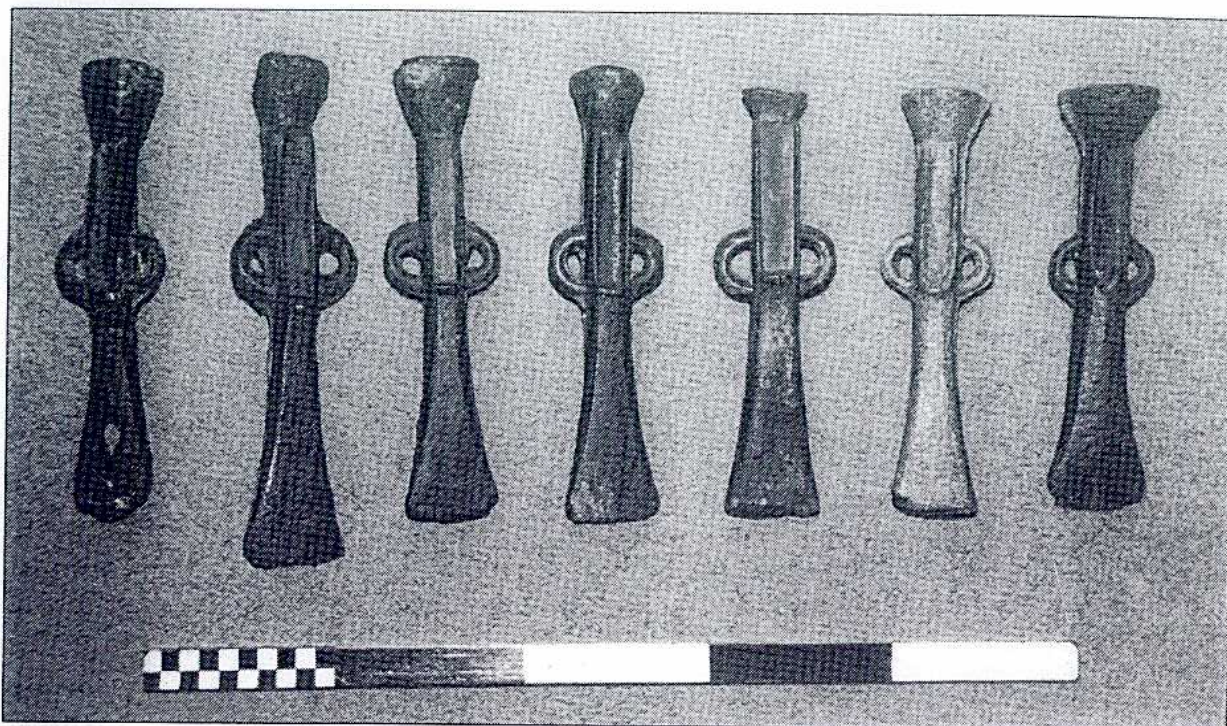


Foto 10 - O conjunto dos machados de talão do lugar do Castelo.

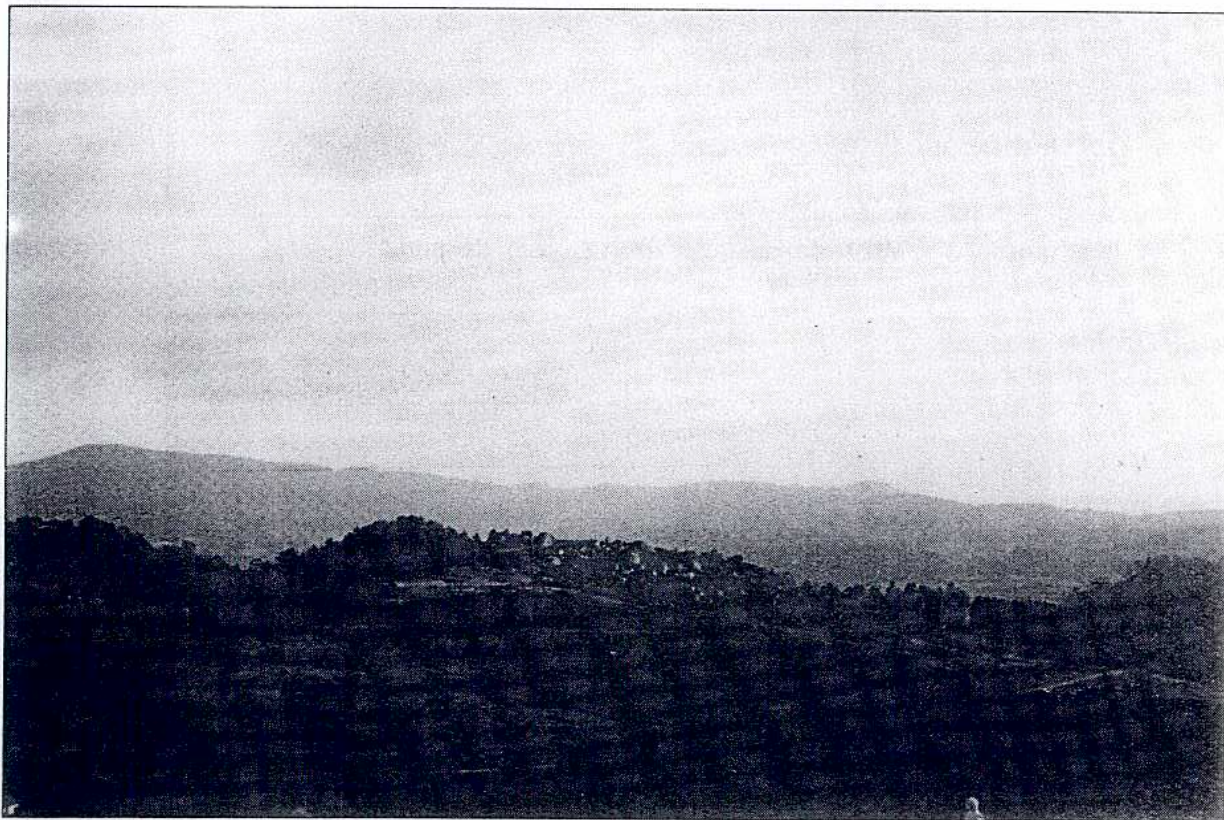


Foto 11 - O eventual povoado do Alto da Coguluda.

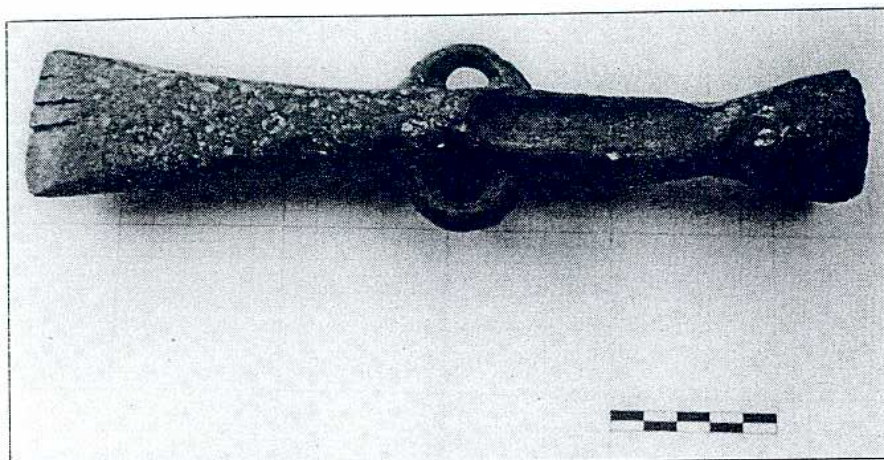


Foto 12 - Machado de talão n.º 13 - Alto da Coguluda/Cabeludas.

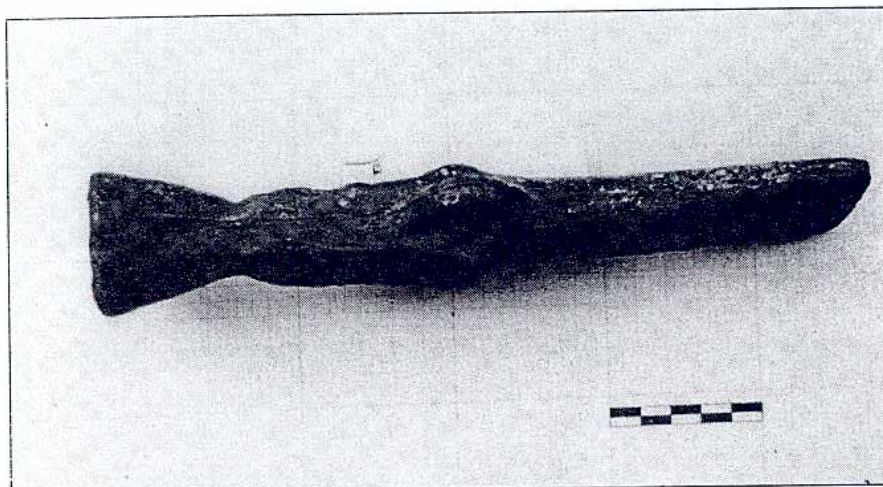


Foto 13 - Machado de talão n.º 13, visto de perfil.

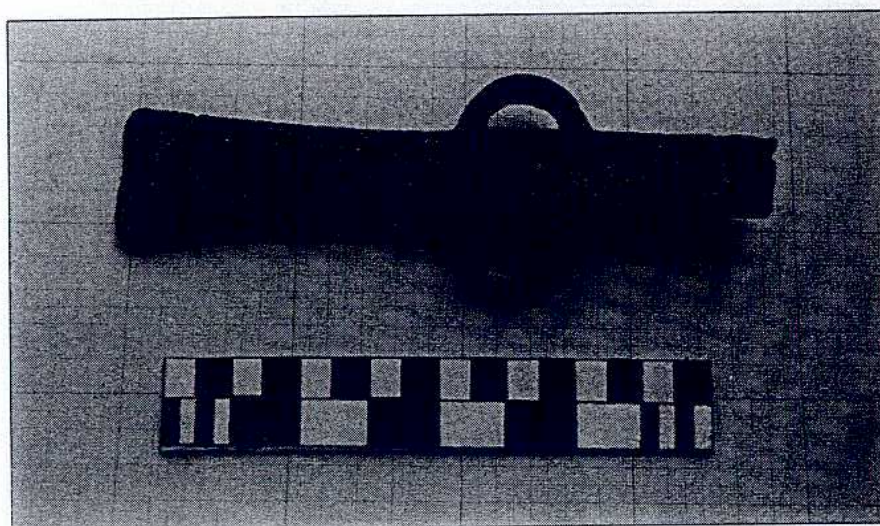


Foto 14 - Machado de talão n.º 14 - Alto da Coguluda/Cabeludas